

Caracterização do contra-ataque no Andebol

Estudo em equipas Seniores Femininas

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de rendimento – opção de Andebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientador: Mestre Irineu Moreira

Sílvia Cláudia Teixeira Moutinho

Porto, 2006

Caracterização do contra-ataque no Andebol

Estudo em equipas Seniores Femininas

Sílvia Cláudia Teixeira Moutinho

Porto, 2006

Agradecimentos

A concretização deste trabalho foi uma experiência extremamente enriquecedora e gratificante. A todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram para a sua realização gostaria de agradecer de forma particular e muito reconhecida:

- Ao Professor Ireneu, pela disponibilidade, apoio e orientação e pelo constante estímulo sem o qual não seria possível a concretização deste trabalho.
- A todos os professores que me acompanharam durante o curso, pela sua imensurável contribuição para a minha formação.
- À Federação de Andebol de Portugal por me ter cedido os vídeos dos jogos.
- A toda a minha família, especialmente os meus pais, pela preocupação, apoio e incentivo incondicional em todas os anos da minha formação académica especialmente neste trabalho de conclusão da licenciatura.
- Ao Helder, pelo carinho e pela dedicação que me proporcionou e por estar sempre ao meu lado.
- Aos meus amigos pelo exemplo que são para mim em termos profissionais e não só, e pela força que sempre me deram.
- A todos os que de alguma forma contribuíram para a concretização deste estudo e injustamente me esqueci de mencionar.

A todos o meu muito Obrigado!

Índice

1. <u>Introdução</u>	1
1.1 Âmbito e Pertinência do estudo	1
1.2 Objectivos	2
1.2.1 Objectivo Geral	2
1.2.2 Objectivo Específico	3
1.3 Estrutura do trabalho	3
2. <u>Revisão da Literatura</u>	5
2.1 Andebol como Jogo Desportivo Colectivo	5
2.1.1 Natureza do Jogo de Andebol	6
2.1.2 Essência do Jogo de Andebol	7
2.1.3 Importância da Observação e Análise dos JDC	8
2.2 Factores de evolução no Andebol	12
2.2.1 Factores de evolução no Andebol Feminino	14
2.3 O Processo Ofensivo em Andebol	16
2.3.1 O Contra-ataque	16
2.3.1.1 Fases do contra-ataque	19
2.3.1.2 Factores que justificam a utilização do contra-ataque.	22
2.3.2 Ataque rápido	23
2.3.3 Ataque posicional	24
2.3.4 Contra-golo	24
2.3.5 Zonas de finalização	25
2.4 Estudos realizados na observação e análise no Jogo de Andebol...	25
3. <u>Material e Métodos</u>	40
3.1 Metodologia da Observação	40
3.1.1 Categorias da Observação	40
3.2 Fiabilidade da Observação	41
3.3 Amostra	42

3.4 Processamento de dados	43
4. <u>Apresentação e Discussão dos resultados</u>	45
4.1 Análise Descritiva	45
4.1.1 Recuperação da posse de bola	45
4.1.2 Frequência do contra-ataque.....	46
4.2 Resultados do contra-ataque	47
4.1.2 Eficácia do contra-ataque	48
4.3 Contra-ataque Directo	49
4.3.1 Eficácia do contra-ataque directo	49
4.3.1.1 Eficácia de remate no contra-ataque directo	50
4.4 Contra-ataque Apoiado	51
4.4.1 Eficácia do contra-ataque apoiado	51
4.4.1.1 Eficácia de remate no contra-ataque apoiado	52
4.5 Ataque rápido	53
4.5.1 Eficácia do ataque rápido	54
4.5.1.1 Eficácia de remate no ataque rápido	55
4.6 Zonas de finalização	55
4.6.1 Eficácia nas zonas de finalização	57
5. <u>Conclusão</u>	59
6. <u>Bibliografia</u>	60
7. <u>Anexos</u>	VIII

Índice de Quadros

Quadro 1: Valores percentuais de ocorrência de remate por zonas nos dois níveis competitivos	26
Quadro 2: Valores percentuais de ocorrências concluídas em remate e golo	28
Quadro 3: Zonas de finalização e respectivos valores de ocorrência e eficácia de finalização	29
Quadro 4: Análise comparativa da eficácia do total de remates, dos remates de contra-ataque e de livre de 7m	30
Quadro 5: Valores médios por jogo dos meios tácticos individuais (MTI) e meios tácticos de grupo (MTG) no total de acções e no contra-ataque	30
Quadro 6: Valores médios por jogo dos meios tácticos individuais (MTI) e meios tácticos de grupo (MTG) no ataque organizado e no contra-ataque	30
Quadro 7: Valores médios por jogo do número de remates por zonas, em diferentes campeonatos	31
Quadro 8: Valores médios parciais das falhas técnicas mais cometidas e valores médios totais	31
Quadro 9: Valores percentuais de ocorrências de remates e golos e respectiva eficiência por zonas	32
Quadro 10: Valores médios da performance de ocorrência de acções (% oc. a.) e de golos (% oc. a.) por fases do ataque e eficácias parciais e global de golos	34
Quadro 11: Valores médios da percentagem de ocorrências de acções (% oc. a.) e de golos (% oc. a.) nos remates por zonas e eficiência de remate (Efic.)	35
Quadro 12: Percentagem de contra-ataques realizados no 5º Campeonato Europeu Feminino de Andebol na Dinamarca em 2002	37
Quadro 13: Percentagem de contra-ataques realizados Campeonato Europeu Feminino na Hungria em 2004	38
Quadro 14: Percentagem de contra-ataques realizados Campeonato europeu feminino sub 17 em Viena 2005	39

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Frequência do contra-ataque	46
Gráfico 2: Resultados do contra-ataque	48
Gráfico 3: Eficácia do contra-ataque	48
Gráfico 4: Eficácia do contra-ataque directo	50
Gráfico 5: Eficácia do remate no contra-ataque directo	51
Gráfico 6: Eficácia do contra-ataque apoiado	51
Gráfico 7: Eficácia do remate no contra-ataque apoiado	52
Gráfico 8: Eficácia do contra-golo	54
Gráfico 9: Eficácia do ataque rápido	54
Gráfico 10: Eficácia do remate no ataque rápido	55
Gráfico 11: Zonas de Finalização utilizadas	56
Gráfico 12: Eficácia nas Zonas de Finalização	57

Índice de Figuras

Figura 1: Interação do processo de análise com o treino e a performance	11
--	----

Resumo

O contra-ataque é uma consequência de formas de jogo colectivo, que se inicia com a recuperação da bola e desenvolve-se por vagas, através de uma acção única e simultânea, criando condições favoráveis para finalizar com êxito.

O seu objectivo fundamental é a ocupação, mais rápida possível dos espaços de remate antes que a defesa contrária se organize.

Desde que o contra-ataque passou a ser um dos métodos de jogo mais utilizado, tem experimentado um aumento qualitativo notável manifestado por uma variabilidade de opções e formas de entendê-lo e executá-lo, assim como do ponto de vista da eficácia, traduzida na ocorrência de menos faltas técnicas na obtenção de mais golos. Do mesmo modo se tem observado um aumento quantitativo no que diz respeito ao número de tentativas em realizar contra-ataque por parte das equipas de alto nível.

O presente estudo tem como objectivo caracterizar o jogo de grande espaço (contra-ataque directo, contra-ataque apoiado e ataque rápido) em equipas seniores de andebol feminino da 1ª divisão.

A nossa amostra é constituída por 8 jogos em que o resultado final ficou equilibrado, ou seja, a diferença de golos é inferior a 2.

Os resultados revelaram que as equipas observadas recuperam mais vezes a posse de bola através de falhas técnicas cometidas pelo adversário; o contra-ataque directo é o tipo de contra-ataque com maior incidência no jogo de andebol praticado pelas equipas em estudo; constatamos que a maioria dos contra-ataques são finalizados da zona central Z7 (1ª linha) e também verificamos que a eficácia total de remates em contra-ataque é superior a 60%. No entanto, o contra-ataque directo é sem dúvida onde as equipas atingem níveis de eficácia superiores (66,3%).

Palavras - chave: ANDEBOL – CONTRA-ATAQUE – EFICÁCIA.

1 - Introdução

1.1 Âmbito e Pertinência do estudo

As análises aos vários componentes do jogo de andebol têm-se revelado de extrema importância para a evolução do jogo. Têm sido realizadas investigações em diversas áreas, entre as quais a análise do jogo. Esta permite, criar modelos de actividade de jogadores e equipas, identificar os aspectos da actividade que se relacionam com o sucesso de jogadores e equipas e detectar tendências evolutivas da modalidade (Garganta, 2001).

Enquadrando-se o Andebol nos Jogos Desportivos Colectivos (JDC), o seu objectivo implica uma eficaz coordenação de esforços dos elementos da equipa. Qualquer actividade durante o jogo é realizada em cooperação directa (interacção) com os companheiros de equipa e em oposição com os adversários.

O jogo de Andebol é caracterizado por um dinamismo, que assenta no conflito originado pelas finalidades divergentes por parte das equipas, que actuam em confronto. Este conflito sistemático não é mais de que um processo antagónico de objectivos, motivações e interesses, condicionados pelo regulamento existente. A necessidade de resolver situações conflituais que vão surgindo, permanentemente, ao longo do jogo, exige dos jogadores a utilização de processos racionais de forma a eger e operacionalizar as acções do jogo mais adequadas a cada fase e a cada momento (Latiskevits, 1991).

Sendo o golo o objectivo primordial do jogo de Andebol, um dos aspectos que merece um relevo particular por parte da investigação, é o processo que a ele conduz, isto é, as sequências ofensivas concretizadas com sucesso.

O contra-ataque é apontado por diversos autores como um dos aspectos do jogo que pode assumir grande importância para o sucesso das equipas (Johnsson, 1995; Krumbholz, 1996; Seco, 1997; Kovacs, 1998; Klein, 1999; Santo, 2000 e Silva, 2000).

Atendendo a este facto, é de primordial importância observar e analisar o contra-ataque das equipas portuguesas de melhor nível, para que assim

possamos perceber quais os aspectos que determinam o sucesso desta fase do jogo.

A velocidade em Andebol é um conceito vital. Ao longo dos anos, o jogo tem-se tornado cada vez mais rápido e é, sem dúvida, durante o contra-ataque que esse aspecto é evidenciado.

A sistemática aplicação do contra-ataque aumenta a qualidade do jogo e torna-o mais espectacular, enquadrando-o nos conceitos de jogo actual em que as acções táctico-técnicas são executadas com grande velocidade.

A procura de elevados rendimentos desportivos no Andebol passa por um maior conhecimento do jogo, nomeadamente, dos seus principais factores de rendimento. Por isso, treinadores e outros especialistas procuram identificá-los e determinar a possível influência de cada um no sucesso das equipas (Prudente, 2000).

Assim, a observação da competição nos Jogos Desportivos Colectivos (JDC) e, nomeadamente, no andebol, assume um papel importante no sentido de determinar a estrutura da mesma, das suas regularidades e índices de eficácia (Oliveira, 1993; Silva, 1993). A observação da competição constitui-se então como tarefa fundamental para o conhecimento dos complexos aspectos que condicionam o jogo.

Neste sentido, o presente trabalho pretende ser uma contribuição para ampliar o conhecimento dos comportamentos táctico-técnicos no contra-ataque das equipas, em situação real de jogo. Neste âmbito, pareceu-nos de crucial importância perceber melhor a realidade do andebol português de modo a ampliar o conhecimento sobre a modalidade.

1.2 Objectivos

1.2.1 Objectivo Geral

O presente estudo tem como objectivo caracterizar o jogo de grande espaço (contra-ataque directo, contra-ataque apoiado e ataque rápido) em equipas seniores de andebol feminino da 1ª divisão.

1.2.2 Objectivos Específicos

São objectivos específicos deste estudo:

- Descrever e analisar a eficácia dos vários tipos de jogo de grande espaço;
- Identificar os métodos de jogo mais utilizados;
- Descrever e analisar a conclusão do jogo em grande espaço compreendendo as zonas de finalização.

1.3 Estrutura do Trabalho

A estrutura deste trabalho procura dar resposta aos objectivos formulados. Simultaneamente fornecer alguma consistência teórica ao quadro prático em que está inserido. Neste sentido, optamos pela seguinte estrutura:

Capítulo 1: O presente capítulo, Introdução, justifica o âmbito e pertinência de um estudo desta natureza, sendo definidos os objectivos.

Capítulo 2: É efectuada uma revisão exaustiva da literatura, de forma a contextualizar, posteriormente, a sua discussão, direccionada para o tema central do trabalho. Será estruturada em quatro partes: a primeira aborda o andebol como um jogo desportivo colectivo, considerando a sua natureza e a sua essência; a segunda refere-se aos factores de evolução no andebol feminino; a terceira consiste numa abordagem sobre o processo ofensivo salientando o contra-ataque como um dos métodos de jogo, referindo as suas fases e os factores que justificam a sua utilização. Por último, são apresentados alguns estudos realizados na observação e análise do jogo de andebol.

Capítulo 3: É referida a metodologia utilizada na realização do trabalho e as questões relacionadas com a amostra. Descreve os procedimentos adoptados

para o registo da informação, selecção das variáveis a observar, bem como os procedimentos estatísticos.

Capítulo 4: São apresentados e discutidos os resultados obtidos neste estudo.

Capítulo 5: São apresentadas as principais conclusões deste trabalho.

Capítulo 6: É apresentada a bibliografia consultada para a realização do estudo.

2 - Revisão da Literatura

2.1 Andebol como Jogo Desportivo Colectivo

Os Jogos Desportivos Colectivos representam um conjunto variado de modalidades desportivas caracterizadas por colocarem em oposição, em espaço delimitado, perante as mesmas regras e com os mesmos objectivos, dois grupos de atletas, constituindo cada um deles uma equipa que tenta sobrepor-se à outra, atingindo com o objecto de jogo (normalmente uma bola utilizada por ambas as equipas) uma zona do campo ou do espaço aéreo da outra equipa, considerado como alvo para a obtenção de pontos (Claudino, 1993).

O desporto colectivo representa uma forma de actividade social organizada, uma forma de exercício físico-desportivo tendo um carácter lúdico, agonístico e processual, onde os participantes, os jogadores, constituam duas equipas, que se encontram numa relação de adversidade típica, não hostil, a que chamamos rivalidade desportiva, relação determinada por uma competição por meio de luta, afim de obter a vitória desportiva com a ajuda de bola ou um objecto de jogo, manobrando de acordo com as regras pré-estabelecidas (Teodorescu, 1988, p.17).

Para Moutinho (1994), qualquer Jogo Desportivo Colectivo é condicionado por leis específicas do jogo, sendo esse código de conduta, na sua essência, um conjunto de prescrições que, aliadas às noções de equipa e adversário, dão corpo àquilo que se pode designar de lógica interna de jogo. Para o autor, a lógica interna de jogo pode ser perspectivada segundo dois planos de referência: o plano regulamentar, através das implicações das especificidades das regras e o plano das inter-relações equipa/adversário.

O Andebol como um desporto de associação com adversários, possui todas as características comuns a este grupo de desportos, assim, como uma série de condicionantes que o diferenciam dos outros e que marcam as suas possibilidades de desenvolvimento. Ainda que o objectivo final do Andebol seja a consecução de golo, existe, na prática, um objectivo prévio, que é tentar conseguir uma posição e uma situação favoráveis, que nos permita ou facilite

atingir esse objectivo (Sanchez, 1991). O mesmo autor defende que a essência do Andebol é a luta para conseguir a ocupação dos espaços mais eficazes e importantes.

O Andebol é um jogo rápido e dinâmico, que exige a todos os participantes a perfeição na realização de acções. O jogador vê-se permanentemente confrontado com o problema de escolha da solução motora mais adequada para resolver cada dificuldade apresentada pelos seus oponentes (Czerwinski, 1993).

O Andebol é um Jogo Desportivo Colectivo que ocorre num contexto de elevada variabilidade e aleatoriedade (Garganta, 1997), no qual, as equipas em confronto disputam objectivos comuns, lutam para gerir, em proveito próprio, o tempo e o espaço, realizando, em cada momento, acções reversíveis de sinal contrário (ataque e defesa) alicerçados em relações de oposição - cooperação.

2.1.1 Natureza do Jogo de Andebol

O Andebol é um jogo de associação com adversários, com todas as características comuns a este grupo de desportos, assim como uma série de condicionantes que o diferenciam dos outros e que marcam as suas possibilidades de desenvolvimento (Cuesta, 1991).

De acordo com Cercel (1990), o andebol é um jogo caracterizado por uma grande complexidade de movimentos com e sem bola, executados sobre condições variáveis, determinadas pela colaboração com companheiros da equipa e pela luta com os adversários.

Os elementos diferenciadores mais importantes são: (i) joga-se num espaço de 800 m² (40x20 metros), o qual permite, dadas as características da bola, passa-la de um extremo ao outro do campo com apenas uma acção de passe. Esta circunstância vai marcar em grande medida a velocidade no desenvolvimento das distintas acções; (ii) o terreno de jogo apresenta uma área restritiva junto às balizas, onde apenas o guarda-redes se pode movimentar. Estes por sua vez, têm por função defender os alvos do jogo, duas balizas com a dimensão de 6m² (3x2 metros); (iii) as acções de contacto com o adversário que não sejam claramente dirigidas à bola, levam a uma sanção

disciplinar, que vai desde uma admoestação com situações intermédias de exclusão temporária do terreno de jogo (dois minutos), nas quais a equipa do jogador infractor deve actuar em inferioridade numérica, até à expulsão definitiva.

2.1.2 Essência do Jogo de Andebol

Ainda que o objectivo final seja o golo, existe na prática um objectivo prévio, que é tentar conseguir uma posição e uma situação favorável (criar superioridade numérica), que nos permita ou facilite esse objectivo básico que é o golo (Cuesta, 1991).

Logicamente que, para a equipa defensora, o objectivo a perseguir é o de impedir que os atacantes cheguem a essa situação favorável.

Esta posição das funções a desempenhar e de objectivos provoca uma luta pela conquista dos espaços mais eficazes que, segundo Cuesta (1991), representa a essência do jogo de andebol, ou seja, é o que marca a forma de jogar na actualidade, e que marcou toda a evolução técnica e estratégica da modalidade.

Na prática, a busca destes objectivos realiza-se mediante acções individuais ou colectivas, ou melhor dizendo, mediante uma correcta relação entre ambas.

Conforme afirma Garcia (1998), há que ter em conta que qualquer acção colectiva se baseia na eficaz execução de acções individuais. Assim, um jogador a atacar com bola tem basicamente a obrigação de: (i) em primeiro lugar, tentar conseguir por si mesmo uma boa situação para rematar á baliza com êxito; (ii) perante a resposta correcta de um defensor, deve decidir entre utilizar todos os meios técnicos que conhece com os quais conseguirá, ou atingir o espaço pretendido ou que outro companheiro fique livre de marcação; (iii) se não for possível ultrapassar o primeiro defensor, deve ao menos atrair totalmente a sua atenção, com isto estará a aumentar os espaços de actuação para outros companheiros; (iv) tanto neste caso como no anterior, é importantíssimo que o jogador seja capaz de passar a bola ao companheiro melhor situado, antes que o defensor neutralize totalmente a sua actuação.

Esta é precisamente uma das grandes dificuldades que enfrenta o jogador de andebol e que, sem dúvida, distingue o grande jogador, tacticamente inteligente, do jogador que sendo eficaz, graças ao domínio de algumas acções técnicas (fundamentalmente o remate), não poderia subsistir sem o trabalho daquele que domina na prática a essência do jogo de Andebol (Cuesta, 1991).

2.1.3 Importância da Observação e Análise nos JDC

O estudo do jogo a partir da observação da quantidade e da qualidade das acções de jogo dos jogadores e das equipas tem vindo a construir um forte argumento para a organização e avaliação dos processos de ensino e treino nos JDC (Garganta, 1998).

Observar é olhar com atenção, é reparar, é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objectivo terminal ou organizador e dirigido sobre um objectivo ou situação para recolher informações (Quivy & Campelhondt, 1992; Moutinho, 1993).

Para Sarmiento e Col. (1990, p.17) a observação é um sistema de recolha de dados tendo por domínio as condutas exteriorizadas, as condutas que têm um suporte visível ou motor. Para o caso do fenómeno desportivo é necessário descrever e compreender tal realidade de forma objectiva. O estudo das variáveis objectivas, nomeadamente, da actividade física e dos seus produtos ou traços, de carácter mais ou menos permanentes, exige o recurso a técnicas de observação sistemática como meios, para dar resposta à questão “como é que as coisas se passam?”. (Sarmiento e col. 1990).

A observação tem dois sentidos (Garcia, 1989), um é a acção do observador, a sua experiência, o procedimento ao verificar detalhadamente, ou seja em sentido amplo, o processo de submeter condutas de alguma coisa a condições manipuladas de acordo com certos princípios para levar a cabo a observação; mas a observação é também o conjunto de coisas observadas, o conjunto de dados e o conjunto de fenómenos.

O êxito da observação depende, antes de mais, da clareza da tarefa empreendida. Consequentemente a divisão de tarefas, ou seja, o planeamento de tarefas parciais e mais concretas, é o factor primordial.

A capacidade de observar desenvolve-se, quando existe uma organização da percepção, que corresponde a todas as condições fundamentais e indispensáveis para o seu êxito: clareza da tarefa, preparação previa, sistematização, planificação, atitude do observador.

A construção e o uso de instrumentos de observação sistemática, proporcionam aos investigadores um meio de armazenamento de dados, verticais e/ou horizontais, (isolados e/ou extensivos), que permitem o seu estudo e tratamento (Moutinho, 1993, p.13). Para que este processo seja credível é necessário respeitar um conjunto de etapas enumeradas por Sarmiento (1991, p.173): (i) definição do objecto a observar – “consiste em escolher as acções que se pretendem observar, ou seja, a tarefa sobre a qual irá recair a observação”; (ii) definição dos critérios de observação - “consiste em escolher os parâmetros a observar”; (iii) definição da “medida” de observação – “consiste na aplicação de valores mensuráveis à observação realizada, de forma que as diferentes respostas possam ser confrontadas em função dos acordos e desacordos verificados”; (iv) estabelecimento dos “itens” de observação – “consiste em estabelecer os “itens” concretos para a observação; (v) observação propriamente dita – “visualização, durante a qual se visiona o objecto pretendido”; (vi) tratamento dos resultados – “este passo indica necessariamente a verificação das hipóteses formuladas inicialmente, o que implicará adequado tratamento estatístico”.

A observação e recolha de dados nos JDC embora complexa, assume-se como um método privilegiado de recolha de informações tornando-se numa questão cada vez mais premente.

O estudo do jogo a partir da observação do comportamento dos jogadores e das equipas tem vindo a constituir um forte argumento para a organização e avaliação dos processos de ensino e treino nos jogos desportivos colectivos (Garganta, 1998).

Moutinho (1993) acrescenta que a observação do jogo na área dos JDC tem como objectivo a caracterização e avaliação dos parâmetros observáveis da prestação competitiva colectiva e individual e suas formas de manifestação, isto é, a descrição e valorização das estruturas do rendimento e das inter-

relações que estabelecem, no sentido do reconhecimento das suas regularidades.

A observação conjunta dos esforços físicos desenvolvidos pelos jogadores, dos elementos técnicos e dos aspectos táticos, acompanhada por um tratamento estatístico apropriado dá-nos uma série de informações importantes sobre (Dufour, 1989): (i) a evolução dos parâmetros do jogo; (ii) o nível do jogador; (iii) o nível da equipa.

Todos estes elementos depois de interpretados pelo treinador da equipa permitem: avaliar os jogadores e a equipa nos três domínios, física, técnico e tático, e planificar o treino e corrigir as deficiências encontradas.

Ao treinador, no sentido de aumentar a eficácia da sua acção, quer no treino quer na competição, importa aprofundar o seu conhecimento sobre o jogo (Marques, 1983; Monbaerts, 1991; Moutinho, 1993), sobre a sua equipa e sobre os seus jogadores.

Na literatura conhecida este tipo de estudos tem sido qualificado através de diferentes expressões (Garganta, 1998) de entre as quais se destacam: observação do jogo, análise do jogo e análise notacional.

Alguns autores, como (Bacconi & Marella, 1995, cit. Garganta, 1998), consideram que a expressão observação do jogo se reporta a determinados aspectos colectados e registados durante a partida em tempo real, enquanto que a análise do jogo diz respeito à recolha e colecção de dados em tempo diferida. Os mesmos autores acrescentam ainda que, a observação do jogo conteria vários erros que poderiam e deveriam ser evitados através da utilização da análise do jogo.

As observações em diferido que segundo Gorsgeorge (1990) e Sarmiento (1991), vão muito mais longe do que as observações directas (em tempo real) proporcionam um trabalho laboratorial de preparação instrumental, tornando todo o processo muito mais rigoroso. Por outro lado, segundo Sarmiento (1991), possibilita a ocupação a sistemas computadorizados, proporcionando um “treino” mais eficaz e económico na medida em que os resultados da observação são facilmente indicados e os “erros” de observação rapidamente verificados e manipulados de acordo com o objectivo do trabalho.

Por tudo o que foi referido entende-se então que as observações sistemáticas são fundamentais no sentido de objectivar as performances, caracterizar os estilos de jogo ou fazer previsões sobre a sua evolução.

É neste sentido que estamos de acordo com Sarmiento (1988, p.27) quando ele nos diz que, quem não sabe olhar, não pode corrigir e melhorar as execuções dos seus alunos e atletas.

De facto, atentando nas expressões observação de jogo e análise do jogo constata-se que elas iludem a diferentes fases dum mesmo processo (Garganta, 1998) ou seja, quando se pretende analisar o conteúdo de um jogo é necessário observá-lo, para registar as informações consideradas pertinentes.

A análise do jogo tem-se afirmado como instrumento indispensável na avaliação e conhecimento das variáveis estruturais e funcionais do rendimento no Andebol.

A figura 1 representa graficamente a interacção do processo de análise do jogo com o treino e a performance, numa resposta de Garganta (1998):

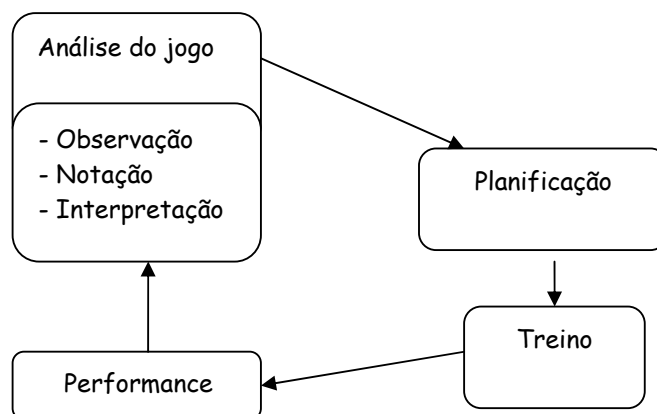


Figura 1: Interação do processo de análise com o treino e a performance (redesenhado de Garganta, 1998).

É comumente aceite que a melhoria do rendimento está relacionada com a qualidade da retroacção que o treinador estabelece com os jogadores, procurando-se otimizar os comportamentos dos jogadores e das equipas na

competição, a partir da análise de informações acerca do jogo (McGarry & Fransks, 1996, cit. Garganta, 1998).

Como nos refere, Araújo (1997), através da análise do jogo o atleta poderá distinguir aquilo que pensa ter feito daquilo que realmente fez, e por outro lado, o treinador poderá aferir o modelo de preparação aplicado (Marques, 1983; Moutinho, 1993; Natal, 1993).

É de salientar o facto de recentemente as análises táticas no seio do Andebol terem aumentado, começando a ser alvo da atenção dos investigadores e treinadores, o que se comprova pelo crescendo de bibliografia disponível sobre esta temática (Ribeiro, 2002).

2.2 Factores de evolução no Andebol

Os momentos altos da modalidade passam sempre pela sua participação nos Jogos Olímpicos, bem como a realização dos Campeonatos do Mundo. É nestes momentos que se confrontam todas as equipas de grande qualidade, permitindo analisar e avaliar as perspectivas e novas tendências de jogo que vão marcar a evolução da modalidade nos anos seguintes (Oliveira, 1996).

Segundo Spate (1992 b e 1994), nos anos 70, as defesas eram bastantes fechadas utilizando atletas de elevada estatura e pouco móveis. Nos finais dos anos 80 e início dos anos 90, o significado de jogo defensivo modificou-se e passou-se a utilizar sistemas defensivos com características essencialmente ofensivas e agressivas.

Este tipo de defesa tem como princípios, para além de impedir a finalização, provocar erros no desenvolvimento do contra-ataque e parar o ataque num curto espaço de tempo (Roman, 1994).

Actualmente, as equipas utilizam sistemas defensivos agressivos, como 3:2:1 ou o 5:1, mas também o 6:0, só que com características modernas de profundidade e agressividade, bem contrárias à passividade de antes, onde o único objectivo era impedir que a equipa adversária marca-se golo.

Segundo, Spate (1992) esta nova agressividade defensiva permitiu um aumento da intensidade e ritmo de jogo por força de um desenvolvimento sistemático do contra-ataque.

Foi também no final da década de 80 início da 90 que surgiu o conceito de 2ª e 3ª vagas do contra-ataque associados aos sistemas defensivos 5:1 e 3:2:1.

Ainda Ghermanescu (1991), afirma que os sistemas defensivos agressivos permitem a utilização do contra-ataque com mais frequência, uma vez que a procura da bola por parte da defesa é muito maior.

Segundo Bayer (1994), as equipas optam por um transporte de bola rápido, na transição da defesa para o ataque, de forma organizada e colectiva, levando à quase inexistência do contra-ataque.

Quanto ao ataque organizado e segundo Ghermanescu (1991), o atacante tenta quebrar a resistência do adversário, não diminuindo a velocidade do jogo. Este desenrola-se com constantes alterações de ritmo aquando da utilização dos meios tácticos colectivos, com jogadores a utilizarem grande velocidade e força. Por outro lado, a passagem da defesa para o ataque desenrola-se através de ataque rápido com o intuito de conquistar superioridade numérica. No plano táctico, o ataque caracteriza-se por uma grande simplicidade de acções, com as equipas a iniciarem o jogo com apenas um "pivot" mas com entradas dos restantes jogadores a segundo "pivot" (Bayer, 1995). Ao contrário do que se passava à uns anos atrás em que as movimentações eram extremamente rígidas onde participavam os seis jogadores e onde o tempo de ataque era muito maior. Como consequência sistematizou-se o sistema ofensivo 3:3/2:4 que provocou o aparecimento de novas formas de organizar os jogadores no terreno de jogo.

Verifica-se a diminuição do tempo de remate, executando-o com diferentes apoios e em situações inesperadas para obter um efeito surpresa. Os remates actualmente, são mais variados, surgindo frequentemente remates em apoio, em suspensão ao primeiro apoio ou em apoio no pé contrário e também sem preparação (Taborsky, 1995).

Yevtouchenko (1990) citado por Oliveira (1996), apresenta algumas características, do andebol que deverão ser a base para o futuro da modalidade. O objectivo de toda a táctica ofensiva deve ser o de marcar o maior número de golos a partir do contra-ataque, partindo que é mais fácil concluir assim um ataque, do que contra uma defesa activa bem organizada.

Roman (1990), refere que o Andebol actual beneficia cada vez mais de formas variadas e criativas de jogo.

Parece então ser lícito afirmar que a evolução do jogo foi notória ao longo dos tempos e como afirma Prudente (2000), o andebol hoje em dia é um jogo mais dinâmico, jogado a uma velocidade superior.

2.2.1 Factores de Evolução do Andebol Feminino

O jogo de andebol desde o seu aparecimento passou por diversas mutações própria da evolução de qualquer jogo colectivo.

A década de 70 foi decisiva para o desenvolvimento qualitativo da modalidade. Para isso contribuiu a integração do Andebol no programa Olímpico em 1972, na cidade alemã de Munique, bem assim como o maior número de competições internacionais criadas, ao nível de selecções e clubes.

O jogo de andebol é caracterizado por uma grande complexidade de movimentos, com e sem bola, executados sob condições variáveis, determinados pela colaboração com os companheiros de equipa e pela luta directa com os adversários (Cercel, 1990).

O constante diálogo defesa-ataque e vive-versa implicaram sempre a procura de novas soluções para ultrapassar os problemas através dos quais qualquer dos processos, ofensivo ou defensivo, pontualmente se sobrepunha ao outro.

O Andebol Feminino nunca foi, até hoje, o impulsionador da evolução do jogo (Leitão, 1998). Condicionismos históricos, sociais, e culturais atrasaram, numa primeira fase, a sua prática organizada e, posteriormente, a sua dependência do andebol masculino, sempre formalmente mais organizado e mais evoluído (Lance, 1988; Bayer, 1991; Taborsky, 1994; Kotzamanidis e Basse, 1996; Bukhty e Latishkevich, 1996).

Os finais da década de oitenta e inícios de noventa trouxeram ao andebol feminino um novo período de desenvolvimento (Leitão, 1998). A análise realizada aos últimos campeonatos do mundo e jogos olímpicos parece confirmar tal afirmação.

A Noruega e a Coreia são países pioneiros nas novas concepções de jogo, baseadas na rapidez e adaptação técnica e em movimentos muito flexíveis. Daí

resultou um jogo dinâmico, agressivo (não violento mas sim pressionante) e de nível técnico e tático variado, sinónimo de andebol total (Taborsky, 1994).

A procura de provocar erros ofensivos (falhas técnicas) ao ataque e a intenção de limitar a crescente importância da potência do remate de primeira linha levaram ao avanço das defesas, nestes últimos anos. Actualmente, as defesas, mais utilizadas pelas principais equipas femininas da Europa são o 5:1 e o 3:2:1 (Taborsky e Linder, 1997).

Referindo-se ao campeonato do mundo 1995, Gemain (1997), acrescenta que a defesa terá sido o sector que mais evoluiu. O desenvolvimento da noção de antecipação, o aumento da velocidade nas intercepções, os sistemas defensivos cada vez mais dinâmicos utilizando uma actividade permanente das jogadoras foram as principais características desenvolvidas.

Gemain (1997), refere que o contra-ataque ocupa um lugar de destaque, sobretudo ao nível das primeira e segunda vagas, permitindo, em certas alturas do jogo, um ritmo bastante elevado. Krumbholz (1996), expressa a cada vez maior utilização da terceira vaga do contra-ataque, através de uma solução encadeada, iniciando um movimento de ataque imediato à defesa semi-organizada quando as duas primeiras vagas não resultaram.

No ataque organizado, confirma-se a utilização de técnicas mais variadas por parte das jogadoras de primeira linha, verificando-se um aumento de combinações entre estas jogadoras e também dos remates em apoio e na passada. As jogadoras “pontas” apresentam pouca evolução (Krumbholz, 1996).

Krumbholz (1996), refere ainda, que no campeonato do mundo de 1995, o jogo foi realizado com grande espectacularidade e demonstrou um ritmo elevado com grande incidência no encadeamento das fases de jogo.

Em síntese, actualmente o andebol feminino de elite, é caracterizado por um grande aumento da velocidade do jogo e conseqüente crescimento da espectacularidade e atractividade.

O aumento da agressividade defensiva provoca um significativo e cada vez mais importante crescimento dos encadeamentos defesa/contra-ataque.

A terceira vaga do contra-ataque começa a ser explorada sistematicamente por algumas equipas.

Por sua vez, o ataque organizado, caracteriza-se por uma notória aceleração e os meios táticos de grupo (duas ou três jogadoras) são cada vez mais utilizados.

As últimas competições europeias e mundiais permitiram verificar que o andebol jogado pela elite feminina se tornou tão atractivo como o praticado pelos homens (Taborsky e Linder, 1997). Numa análise aos jogos olímpicos de Atlanta 1996, Martin (1996) afirma: “Elas fizeram o espectáculo, eles procuraram os resultados”.

Estas afirmações reforçam a ideia de igualdade entre os homens e as mulheres. Lance (1992), refere que outro factor de evolução feminino reporta-se à crescente participação e intervenção activa da mulher na sociedade.

2.3 O Processo Ofensivo em Andebol

2.3.1 O Contra-ataque

O contra-ataque é, na sua concepção mais elementar, a passagem de forma rápida, da defesa para o ataque (Sánchez, 1992). Inicia-se quando a equipa contrária perde a bola e prolonga-se até que a defesa contrária esteja organizada e em equilíbrio com o ataque.

Nesta fase do ataque os níveis de eficácia são habitualmente, mais elevados (percentagens que rondam os 80%), do que os obtidos em ataque posicional, no qual a eficácia muito dificilmente ultrapassa os 40% (Roman, 1990; Bayer, 1990).

Os conceitos para descrever o contra-ataque no andebol diferem de autor para autor.

Segundo, Sanchez (1991), o contra-ataque inicia-se quando a equipa contrária deixa de estar em posse de bola e prolonga-se até que a defesa contrária esteja organizada e em equilíbrio com o ataque, sem que antes tenha havido solução do contra-ataque por meio de um remate. O contra-ataque deve ser uma atitude permanente, de forma que não exista separação entre a fase defensiva e o início da mesma.

O contra-ataque é uma consequência de formas de jogo colectivo, que se inicia com a recuperação da bola e desenvolve-se por vagas, através de uma acção única e simultânea, criando condições favoráveis para finalizar com êxito.

Por sua vez Teodorescu (1984), defende que o contra-ataque é caracterizado por grande velocidade de circulação da bola e dos jogadores, por números passes reduzidos e por superioridade numérica ou posicional.

Sanchez (1991) relaciona o contra-ataque como a fase do jogo ofensivo que, a partir da recuperação da posse de bola, é desenvolvida e finalizada em situação de superioridade numérica ou posicional e em que a defesa adversária ainda se encontra numa fase de recuperação defensiva.

Para Czerwinski (1993), o contra-ataque consiste numa acção ofensiva apoiada num mínimo de passes e que é finalizada com um remate à baliza. A equipa que possui a bola tenta surpreender o adversário, ainda desorganizado, para obter vantagem numérica.

Segundo Muller et al. (1996), no contra-ataque a todos os jogadores de uma equipa determinam-se diferentes tarefas, para depois de superar a primeira vaga defensiva, contra uma defesa ainda não formada, se tentar o remate à baliza, sem que este se veja bloqueado ou dificultado por uma segunda vaga defensiva.

O seu objectivo fundamental é a ocupação, mais rápida possível dos espaços de remate antes que a defesa contrária se organize (Sánchez, 1992; Spate, 1992).

Também para Kreisel (1989) todo o objectivo da táctica ofensiva é marcar o maior número de golos possíveis em contra-ataque, já que é mais difícil marcar golos contra uma defesa organizada e activa.

Deste modo todas as equipas têm como objectivo por um lado, impedir o contra-ataque adversário, mas por outro, utilizar este mesmo contra-ataque como principal arma ofensiva (Germanescu, 1991).

Ainda que o objectivo final no Andebol seja a manutenção de golo, existe na prática um objectivo prévio, que é tentar conseguir uma posição e uma situação favorável (criar superioridade), que nos permita ou consiga fazer golo (Cuesta, 1991). Com funções contrárias está a equipa que defende, onde o objectivo é o impedir que os atacantes cheguem a essa situação favorável.

A concepção tradicional da escola Romena (contra-ataque com 1ª e 2ª vaga), da Checa ou Polaca (passes rápidos aos jogadores em zonas determinadas) e das variantes do desenvolvimento do contra-ataque a partir da defesa 3:2:1 da escola Jugoslava são exemplos da importância e evolução que o contra-ataque tomou (Roman, 1990).

O aumento de velocidade e ritmo de jogo em geral, repercutiu-se no plano tático e, por isso, o contra-ataque tornou-se no meio ofensivo cada vez mais privilegiado por todas as equipas.

Desde que o contra-ataque passou a ser um dos métodos de jogo mais utilizados, tem experimentado um aumento qualitativo notável manifestado por uma variabilidade de opções e formas de entendê-lo e executá-lo, assim como do ponto de vista da eficácia, traduzida na ocorrência de menos faltas técnicas na obtenção de mais golos. Do mesmo modo se tem observado um aumento quantitativo no que diz respeito ao número de tentativas em realizar contra-ataque por parte das equipas de alto nível (Garcia, 2000).

Um dos aspectos que contribuiu decisivamente para o aumento da importância do contra-ataque foi alteração dos comportamentos defensivos, já que a defesa passou a ter um papel mais activo, promovendo a ruptura do ataque adversário com vista à conquista da posse da bola, criando assim melhores condições para a exploração do contra-ataque.

Todavia, em certos momentos históricos, o contra-ataque foi deixado de lado para evitar riscos de perda de bola, em tempos que o conceito de jogo partia de uma filosofia de controlo de ritmo de jogo (Roman, 1990).

Cruz (1989) afirma que, embora seja uma forma simples de obter um golo, o contra-ataque inclui um grau de dificuldade significativo já que o transporte da bola, através de passes executados a grande velocidade, pode implicar perdas de bola que transformam esta fase do jogo num perigo para a equipa que a utiliza.

Sanchez, (1991) refere ainda que a estrutura e actuação dos jogadores no desenvolvimento do contra-ataque devem garantir: (i) amplitude e profundidade no desenvolvimento do contra-ataque para tentar alcançar a área contrária antes dos defensores, e assegurar o apoio e a continuidade do jogo; (ii) eleição de opções táticas e execução técnica com rapidez, valorizando a relação

eficácia/risco de cada acção; (iii) procurar não sofrer falta no desenvolvimento do contra-ataque; (iv) a utilização do drible deve ser apenas em caso estritamente necessário e sempre que não prejudique a velocidade do contra-ataque; (v) procura de espaços de remate de maior eficácia.

Segundo Czerwinski (1993), o objectivo fundamental do contra-ataque é obter uma vantagem numérica sobre o adversário.

Geralmente as melhores equipas são aquelas que efectuam um elevado número de contra-ataques (Oliveira, 1995), factor que parece também relacionado com a forma de defender pois segundo, Silva (2002), as equipas mais fracas com pouco poder de remate da 1ª linha ao obterem sucesso em termos defensivos, podendo explorar imediatamente o contra-ataque.

2.3.1.1 Fases do Contra-ataque

Spate (1994) apresenta a seguinte interpretação de desenvolvimento prático das fases do contra-ataque na actualidade: (i) uma primeira vaga, caracterizada por dois ou três jogadores, frequentemente os mais rápidos, que deixam rapidamente a zona de defesa de forma a poderem antecipar-se aos adversários. Surge, normalmente, um passe longo do guarda-redes ou de um jogador de campo, na sua zona de defesa, para um desses jogadores da primeira vaga que o isola.

É esta a primeira vaga que vulgarmente se designa na literatura por contra-ataque directo (Falkowski e Fernandez, 1988 a).

Uma segunda vaga realizada pelos jogadores mais recuados do sistema defensivo, os quais progridem no terreno através de passes rápidos em progressão e com o objectivo de jogar na zona de ataque numa situação de superioridade quando um jogador da primeira vaga não pode receber o passe directo.

Esta segunda vaga é designada na literatura também como contra-ataque apoiado ou ampliado (Falkowski e Fernandez, 1988 a).

Finalmente, uma terceira vaga que surge quando nem a primeira nem a segunda vagas culminaram numa solução de remate. É explorada quando a defesa adversária não se encontra totalmente reorganizada, devido aos seus

jogadores não estarem ainda nos seus postos específicos habituais de defesa ou, ainda, pela desconcentração ou passividade da defesa.

O objectivo desta terceira vaga é continuar a exploração da oportunidade do ataque em superioridade, proveniente da segunda vaga, sem a interromper e sem intercalar uma fase de construção organizada do ataque. Foi esta terceira vaga que provocou o actual conceito de contra-ataque, sendo nela, conjuntamente com a anterior, que mais se utilizam os meios tácticos de grupo. Garcia (2000), refere que durante muitos anos, o ataque foi dividido em, quatro fases, o contra-ataque, o contra-ataque apoiado, organização do ataque e desenvolvimento do ataque propriamente dito. Dessas quatro fases as duas primeiras correspondem ao contra-ataque, chamadas de 1ª e 2ª vagas.

Ainda segundo este autor, nos últimos anos, esta concepção foi ultrapassada pelo jogo de alto nível e pelas equipas representativas dos melhores países no âmbito internacional, procurando aumentar o ritmo de ataque aproveitando qualquer debilidade do adversário. Surgindo assim uma terceira fase chamada de 3ª vaga, entendida como a continuação do contra-ataque apoiado, o que permitiu uma maior continuidade do jogo.

Assim sendo, a concepção tradicional do contra-ataque em duas vagas vai sendo complementada e diferenciada (Garcia, 2000; Leitão, 1998 e Fonseca, 1999).

Por não quererem sofrer golos de contra-ataque as equipas melhoram a sua recuperação defensiva, surgindo uma nova possibilidade a ser explorada pelo ataque uma 3ª vaga. Enquanto que nas duas primeiras vagas, o objectivo era tentar conseguir situações de igualdade numérica e explorá-las, a 3ª vaga, apesar de poder encontrar situações de igualdade numérica procura aproveitar a desorganização momentânea da equipa que acabou de recuperar defensivamente, encadeando movimentos e sem intercalar uma fase de construção organizada do ataque.

Sanchez (1991), considera o ataque rápido (3ª vaga), um híbrido de dois métodos de jogo: (1) um que explora o jogo de grande espaço, o contra-ataque e (2) outro que se desenvolve de uma forma mais segura, mais lento e mais elaborado no espaço reduzido, o ataque posicional. Assim uma equipa que ao procurar promover o contra-ataque não obtenha êxito encadeia essa acção

com o ataque posicional propriamente dito, sendo que este encadeamento pressupõe, ou não, um momento de mudança de ritmo.

É a terceira vaga (ataque rápido) que vai oferecer possibilidades táticas completamente novas (Spate, 1989). Esta interpretação é actualmente partilhada por Bayer (1990), Germain (1997), Czerwinsky (1992) e Spate (1992).

Se tivermos um olhar analítico sobre o jogo de andebol, poderemos descrever sequências de jogo e comportamentos típicos de cada uma delas. A essas sequências chamam-se fases de jogo. Diversos autores consideram: dois tipos de ataque: o contra-ataque e o ataque organizado (Lastiskevits, 1991); três fases no jogo apoiado e organização e desenvolvimento do sistema ofensivo, integrando-se num ciclo de jogo (Garcia, 1991). É posição também defendida por Muller, M. et al. (1996): introdução do ataque, preparação da conclusão do ataque e conclusão do ataque; quatro fases no jogo de ataque (Cercel e Firan, 1980 e Anton, 1990): contra-ataque directo, contra-ataque apoiado, organização do ataque e ataque em sistema.

O contra-ataque faz, portanto, parte da essência do jogo de andebol. Foi dos conceitos táticos mais significativos e dos que mais contribuíram para a evolução do andebol, porque no plano prático a sua principal característica é o jogo rápido.

Durante muitos anos dividia-se o jogo de ataque em quatro fases, das quais as duas primeiras configuravam o conceito tradicional de contra-ataque (Suter et al. 1996). Dessas quatro fases, as duas primeiras correspondiam ao jogo de contra-ataque também chamado 1ª e 2ª vagas ou contra-ataque directo e apoiado respectivamente (Garcia, 1999). Estes dois tipos de contra-ataque desenvolviam-se da seguinte forma: o contra-ataque directo, quando o guarda-redes ou um jogador de campo realiza um só passe que envolve para um jogador que finaliza; o contra-ataque apoiado que envolve toda a equipa.

Falkowski e Enriquez, 1988; Spate, 1992; Seco, 1996; Germain, 1997, referem que o contra-ataque pode ser utilizado segundo três vagas: Primeira Vaga: acção caracterizada por um passe longo do guarda-redes ou de um jogador de campo, junto à sua zona defensiva, para um jogador isolado; Segunda Vaga: Acção que ocorre quando a anterior não é possível realizar. Os jogadores mais

recuados defensivamente fazem o transporte da bola, através de passes curtos e rápidos, e chegam à zona atacante em superioridade numérica posicional; Terceira Vaga: Quando das acções anteriores não resulta golo, o ataque continua a jogar com ritmo elevado perante uma defesa já colocada na sua zona defensiva mas ainda desorganizada. Os atacantes iniciam movimentos e acções precisas para manterem a formação ofensiva correcta, em função do sistema de jogo eleito.

Roman e Bayer (1990), defendem que o contra-ataque é a fase de jogo onde os níveis de eficácia são mais elevados, cerca de (80%), bem acima dos valores obtidos para o ataque posicional em que a eficácia muito facilmente ultrapassa os 40%.

2.3.1.2 Factores que justificam a utilização do contra-ataque

A variabilidade e a criatividade provocaram uma grande aceleração do ritmo de jogo, o que veio aumentar a importância do contra-ataque, sem dúvida é nesta fase do jogo que se assiste a uma maior variedade de acções (aéreas, “roscas”), que levam o público ao rubro.

A aposta sistemática no contra-ataque promove um jogo mais rápido e espectacular, facto extremamente importante para a conquista de público para a modalidade (Ehert, 1995).

O contra-ataque é considerado como a forma mais simples de marcar golo, daí que se depreenda que seja de extrema importância, observar e analisar, quais os aspectos que determinam o sucesso desta fase de jogo nas melhores equipas a nível nacional, para que possamos evoluir e melhorar.

Trosse (1993), considera que, pelo facto de muitas equipas não possuírem rematadoras faz com que as suas possibilidades de sucesso no ataque organizado seja muito menor do que poderia ser, daí que seja importante trabalhar o contra-ataque de forma a compensar este ponto fraco.

Este ponto sem dúvida assume particular importância em Portugal, visto que há imensas dificuldades de encontrar jogadores com as características pretendidas (elevada estatura). Como em termos antropométricos não nos é possível fazer nada, deveremos aproveitar outras características em que

somos mais fortes nomeadamente a velocidade, e implementar o contra-ataque como forma de combater as restantes carências.

Como refere Ribeiro (1996), em competição internacional, o andebol feminino português caracteriza-se por uma grande dificuldade em ultrapassar as defesas altas em situação de ataque organizado, o que implica que o modelo de jogo das selecções nacionais deva privilegiar a utilização do contra-ataque.

Logo o contra-ataque é extremamente importante quer a nível mundial e principalmente para nós portugueses, não sendo por acaso que muitos treinadores, defendem que o jogo de andebol actualmente é defender e fazer contra-ataque.

2.3.2 Ataque rápido

A diferença entre este método e o contra-ataque reside no facto de que enquanto no primeiro se assegura as condições mais favoráveis para preparar a fase de finalização antes da defesa contrária se organizar, no ataque rápido a fase de finalização é preparada já com a defesa adversária organizada (Castelo, 1994).

No ataque rápido quando se esgotam as hipóteses de obtenção de golo em superioridade numérica, as equipas mantêm uma elevada agressividade ofensiva, continuando a exercer pressão sobre o adversário que se acabou de organizar defensivamente, (no seu dispositivo defensivo), criando rapidamente, situações de finalização.

São características deste método de jogo ofensivo (Ramos, 1982; Castelo, 1994; Garganta, 1997): (i) a bola é conquistada no meio campo defensivo ou ofensivo e a equipa adversária apresenta-se equilibrada defensivamente; (ii) a circulação de bola é realizada em profundidade e em amplitude, com passes rápidos e curtos e desmarcações de ruptura; (iii) 5 é o número máximo de passes realizados; (iv) tempo de realização do ataque não ultrapassa, em regra, os 10'' (Borges, 1996); (v) ritmo de jogo elevado (elevada velocidade de circulação da bola e dos jogadores).

Trosse (1993) considera que uma equipa que interprete o ataque rápido de forma mais ou menos recorrente, é uma ameaça para o adversário, mantendo-

o em constante estado de alerta, exercendo, assim, sobre ele, um grande desgaste das capacidades técnicas, tácticas, físicas e sobretudo, psicológicas.

2.3.3 Ataque posicional

Movimentos e acções precisas para colocar a formação ofensiva correctamente em função do sistema de jogo eleito (Cruz, 1988; Falkowski, Enriqués, 1988). Representa a forma de organização e coordenação das acções de todos os jogadores que participam no ataque.

É, portanto, uma forma de ataque em que a fase de construção se revela mais demorada e elaborada e na qual a transição defesa-ataque se processa com predominância dos passes curtos, desmarcações de apoio e coberturas ofensivas.

Considera-se que esta fase, surge após a interrupção das acções anteriores e a defesa adversária já se encontra organizada em sistema e sempre que a equipa não encontrou uma solução imediata de finalização (Leitão, 1998). Spate, 1992; Krumbholz, 1994; Germain, 1997), consideram que é nesta fase do jogo que a aplicação dos sistemas ofensivos se tornam fundamentais.

São características deste método de jogo ofensivo (Ramos, 1982); Cruz, 1988; Castelo, 1994; Garganta, 1997): (i) a bola é conquistada no meio campo defensivo ou ofensivo e a equipa adversária apresenta-se equilibrada defensivamente; (ii) a circulação da bola é realizada mais em largura do que em profundidade, com passes curtos e desmarcações de apoio; (iii) realiza acima de 5 passes; (iv) tempo de realização do ataque elevado (superior a 10``); (v) na fase de organização o ritmo de jogo é lento relativamente aos dois métodos anteriores (menor velocidade de circulação da bola e dos jogadores).

2.3.4 Contra - golo

Podemos definir contra-golo como aquela acção individual ou colectiva por o qual uma equipa tenta marcar golo rapidamente mediante uma reposição rápida da bola na zona central após um fracasso defensivo.

Aspectos positivos do contra-golo: factor surpresa; para dificultar as trocas ataque-defesa do adversário; para aumentar a espectacularidade do jogo e para aumentar a exigência física do jogo. Tem-se vindo a comprovar que o contra-golo é utilizado no jogo de maneira pontual.

No entanto a utilização do contra-golo pode implicar situações menos favoráveis, tais como: perda de interesse do jogador por defender; perda do nível defensivo tanto individual como colectivo; não se analisam os erros cometidos; as equipas não valorizam o acto de sofrerem golo; diminui a colaboração jogador guarda-redes; diminui o número de intervenções do jogador no seu posto específico e deixam-se de utilizar os princípios básicos, limitando-se a utilizar muito as penetrações sucessivas.

2.3.5 Zona de finalização

A variável zona de finalização indica o local de remate, isto é, o espaço em que +e desenvolvida a acção técnico-táctica e que tem por objectivo introduzir a bola na baliza adversária (Fonseca, 1999).

Os remates por zonas/distâncias, foram divididos da seguinte forma:

1ª Linha (1ªL) – Os remates nas diversas zonas com oposição de pelo menos um defesa.

2ª Linha (2ª L) – Os remates realizados nas diversas zonas em situação isolada perante o guarda-redes.

Livre de 7 metros (7 m) – os remates realizados na marcação de livres de sete metros.

2.4 Estudos realizados na observação e análise no Jogo de Andebol

Pontes (1983), realizou um estudo com o objectivo de analisar a eficácia do ataque e, em particular, os seguintes aspectos: eficácia das acções atacantes; eficácia do remate; peso relativo das acções do contra-ataque e sua eficácia;

percentagem de falhas técnicas e análise sobre as zonas de finalização no ataque planeado.

Foram observados 20 jogos de equipas masculinas relativos a dois níveis competitivos diferenciados: dez jogos para o nível I (equipas da Fase Final da Divisão de Honra); dez jogos para o nível II (equipas do torneio de competência para a Divisão de Honra).

No nível I registou 1300 acções ofensivas das quais 955 foram terminadas com remate correspondendo a um valor percentual de 73,46%. Dos 955 remates, 530 foram concretizados em golo traduzindo uma eficácia de 55,5%. Para o nível II registou 1310 acções ofensivas, das quais 905 terminaram em remate correspondendo a um valor percentual de 69,08%. Destes remates, 508 terminaram em golo o que corresponde a uma eficácia de remate de 56,13%.

As zonas de finalização e valores respectivos são divididas pelos 9m, 6m e pontas:

Nível I % de ocorrência		Nível II % de ocorrência	
9m	23,96%	17,32%	
6m (pivot)	25,09%	21,83%	
6m (pontas)	15,85%	17,32%	

Quadro 1: Valores percentuais de ocorrência de remate por zonas nos dois níveis competitivos (Pontes, 1993)

Da análise do quadro 1 podemos verificar que em ambos os níveis existe uma grande incidência de remates de 2ª linha. A grande diferença encontra-se nos remates de 1ª linha em que o nível I é nitidamente superior.

Comparando apenas os valores das percentagens de finalização entre os remates dos 9m e 6m verifica-se que os valores de finalização dos remates de 2ª linha continuam a ser superiores aos de 1ª linha em ambos os níveis, no entanto mais baixos no nível II.

O autor observa que a finalização por jogo é elevada, porém, não a considera resultante da eficácia das acções ofensivas, mas sim do elevado número destas. Relativamente às falhas técnicas os resultados revelam uma percentagem de ocorrência elevada em ambos os níveis. O nível I apresenta um valor percentual de 26,4% e o nível II 30,9%.

Por fim as acções de contra-ataque são significativas no contexto das acções ofensivas. Ambos os grupos apresentam valores de ocorrência semelhantes ou seja, 28,5% e 27,7% para o nível I e nível II respectivamente. O mesmo se passa com a eficácia de finalização com valores de 48,5% para o nível I e 46,8% para o nível II.

Este estudo levou o autor ás seguintes conclusões: (i) a segurança das acções é baixa; (ii) as percas de bola por falha técnica são significativas em ambos níveis; (iii) o facto de o nível I existir um equilíbrio entre as três zonas de finalização é natural se se atender ao facto destas equipas poderem contar com os melhore jogadores. A diferença mais significativa entre os dois níveis está na finalização de 9m.

Silva (1993) realizou um estudo no domínio da observação do jogo ofensivo no Andebol no escalão de Juvenis masculinos. O estudo, dividido em quatro fases, incidiu sobre: origem da acção ofensiva, desenvolvimento da acção ofensiva, conclusão da acção ofensiva e sectores em que os remates foram executados. A metodologia da observação consistiu no registo vídeo de vinte e seis jogos e posterior observação. Para a observação foi elaborada uma ficha de observação que permitiu estabelecer um conjunto de acções possíveis de acontecerem durante o jogo.

Nos vinte e seis jogos observados foram detectadas 4401 acções ofensivas. Na origem da acção aparecem com maior incidência as faltas sofridas pelo atacante (39,9%), reposição da bola após golo (19,3%), defesa do guarda-redes com permanência da bola (9,7%) e a intercepção da bola (6,5%). Com ocorrência menos significativa surgem o remate para fora (4,2%), o livre de sete metros (4,0%), a reposição da bola pela linha lateral (3,6%), a violação da área de baliza (3,3%) e a falta de atacante (2,3%). Surgem por fim as seguintes variáveis cujo valor total atinge os 7,2%: passos, canto, lançamento de saída, remate na baliza, reposição de jogo, bloco, drible, jogo passivo, lançamento de árbitro e substituição irregular.

	Ocorrências concluídas em remate	Ocorrências concluídas em golo
Falta sofrida pelo atacante	36,3%	29,8%
Reposição da bola em jogo após golo	15,1%	14,1%
Livre de sete metros	10,5%	15,9%
Intercepção	8,0%	9,1%
Defesa do guarda-redes	8,0%	8,8%

Quadro 2: Valores percentuais de ocorrências concluídas em remate e golo (Silva, 1994)

As cinco variáveis com maior percentagens de ocorrências concluídas em remate são as mesmas quando concluídas em golo (quadro). Existe apenas variação entre o livre de 7m e a reposição da bola em jogo após golo no que se refere à sua ordem.

Nos resultados respeitantes à conclusão da acção ofensiva, o autor considera os seguintes aspectos: (i) quanto ao tipo de ocorrência, as variáveis falta sofrida pelo atacante (39,9%), golo (19,5%), defesa do guarda-redes com permanência da bola (9,7%), intercepção da bola (6,5%), livre de 7m (4,0%), remate para fora (4,2%) e violação da área (3,3%) constata-as como que mais ocorrem; (ii) no âmbito da valorização de jogo interpreta como aspectos positivos: a falta sofrida pelo atacante, o golo e o livre de 7m. Por sua vez como aspectos negativos avalia: o remate para fora, a intercepção da bola, a violação da área, a falta do atacante, o drible, a má recepção, o mau passe, o jogo passivo e a substituição irregular.

Dos golos obtidos por sectores o autor apresenta os seguintes valores percentuais de ocorrências e de eficácia de finalização (quadro 3): a zona de pivot apresenta o maior valor percentual de golos marcados com 28,1% do total dos mesmos. Sendo uma zona que se situa frontalmente à baliza é também a mais procurada pelos atletas para a finalização. No entanto, não existe correspondência no índice de aproveitamento, aparecendo esta zona em terceiro lugar com 51%.

Seguem-se as zonas de lateral esquerdo e direito, com 20,1% e 16,7% respectivamente.

	Total de ocorrências	Eficácia de finalização
	%	%
Ponta esquerda	11,4%	68%
Lateral esquerdo	20,1%	44%
Pivot	28,1%	51%
Lateral direito	16,7%	42%
Ponta direita	7,8%	44%
7 metros	15,9%	78%

Quadro 3: Zonas de finalização e respectivos valores de ocorrência e eficácia de finalização (Silva, 1994)

Embora constituam, em conjunto, as zonas de maior finalização o índice de aproveitamento não acompanha estes valores, sendo mesmo os que apresentam valores mais baixos com 44% para a zona de lateral esquerdo e 42% para a zona de lateral direito. Como estas últimas também a zona de ponta direita apresenta um baixo valor de aproveitamento (44%).

As zonas de ponta esquerda e direita apresentam valores de 11,4% e 7,8% respectivamente para a ocorrência de golos. Mesmo não estando entre os sectores de maior ocorrência de golos, a zona de ponta esquerda surge em 2ª posição no âmbito de eficácia de finalização. Isto deve-se ao facto do número de finalizações e golos não serem expressivos.

Czerwinski (1994 e 1995) fez uma análise aos Campeonatos do Mundo Feminino (CMf) 1993, Campeonato europeu Masculino (CEm) 1994 e Campeonato Europeu Feminino (CEf). Os estudos, similares, tiveram como objectivo a análise técnico-táctica do jogo, baseada no comportamento dos jogadores quanto aos seguintes tipos de acções: individual, grupo e colectiva. Realizou também uma análise qualitativa do jogo.

Para a observação e estudo dos jogos recorreu à gravação vídeo dos mesmos e posterior visualização.

Na análise à eficácia do total de remates, do contra-ataque e dos livres de 7m, o autor confirmou um baixo nível de eficácia no CMf de 1993 (quadro 4).

Este baixo valor torna-se preocupante sobretudo ao nível do contra-ataque (41,4%) quando se interpreta esta acção como a forma mais simples de obtenção de golo. Estes valores têm um aumento significativo sobretudo a nível do contra-ataque (53%), no Campeonato Europeu Feminino de 1994 (quadro).

	C. M. Fem 1993	C. E. Fem 1994	C. M. Mas 1994
Remate (total)	46,4%	49%	47%
Contra-ataque	41,4%	53%	61%
7 metros	76,1%	75%	69%

Quadro 4: Análise comparativa da eficácia do total de remates, dos remates de contra-ataque e de livre de 7m (Czerwinski 1994 e 1995)

No estudo dos parâmetros a observar, o autor apenas utilizou valores percentuais na análise da eficácia de jogo. Todos os restantes são valores médios absolutos.

As características numéricas das acções tácticas individuais e de grupo foram analisadas, no total de acções de contra-ataque nos Campeonato do Mundo Feminino 1993 e Campeonato Europeu Masculino 1994 (quadro 5).

	Acções Totais		Contra-ataque	
	MTI	MTG	MTI	MTG
CM Fem 1993	18	33	4	7
CE Mas 1994	17	30	8	6

Quadro 5: Valores médios por jogo dos meios tácticos individuais (MTI) e meios tácticos de grupo (MTG) no total de acções e no contra-ataque (Czerwinski 1994 e 1995)

O autor conclui que são os meios tácticos de grupo que dominam no jogo de andebol e que as acções colectivas com seis jogadores, as quais costumavam caracterizar a táctica de ataque, desapareceram por completo.

No Campeonato da Europa Feminino de 1994 a análise foi realizada ao ataque organizado e ao contra-ataque (quadro 5).

	Ataque organizado		Contra-ataque	
	MTI	MTG	MTI	MTG
CE Fem 1994	22	36	10	11
Total	58		21	

Quadro 6: Valores médios por jogo dos meios tácticos individuais (MTI) e meios tácticos de grupo (MTG) no ataque organizado e no contra-ataque (Czerwinski 1994 e 1995)

Este Campeonato caracterizou-se por um aumento do ritmo de jogo, traduzido pelo aumento do número de acções rápidas, como resultado, segundo o autor de uma acção mais activa das defesas.

O remate, é preferencialmente, tentado da primeira linha (quadro 6).

	Entre 6m/9m	9m	Ponta	Pivot
CM Fem 1993	13,2	18	8,6	6,1
CE Fem 1994	15	20	7	11
CE Mas 1994	12	19	9	7

Quadro 7: Valores médios por jogo do número de remates por zonas, em diferentes campeonatos (Czerwinski 1994 e 1995)

Existe um aumento dos remates entre os 6m e os 9m e pivot no Campeonato Europeu Feminino de 1994 o que pode significar uma maior eficácia e adaptação do ataque às defesas mais profundas dos últimos anos.

As falhas técnicas têm valores semelhantes nos três campeonatos. Estes valores são elevados sobretudo ao nível dos maus passes (quadro 8).

	Má recepção	Mau passe	Passos	Falta atacante	Outras	Total
CM Fem 1993	3	9	0,7	3,2	-	15,9
CE Fem 1994	3	8	1	4,5	0,8	17,3
CE Mas 1994	1,9	7	1	2,5	-	13,4

Quadro 8: Valores médios parciais das falhas técnicas mais cometidas e valores médios totais (Czerwinski 1994 e 1995)

Czerwinski e Taborsky (1996) fizeram uma avaliação técnico-táctica de todas as equipas participantes no 1º Campeonato da Europa Júnior Feminino em 1996 baseada na eficiência do jogo ofensivo. A mesma foi analisada a partir dos remates, golos e respectivo taxa de concretização.

A observação indica que os remates de 6-9m foram os mais utilizados, com um valor percentual de ocorrência de 37,1%, logo seguidos dos remates da 1ª linha, com um valor percentual de ocorrência de 33,7%. A finalização da zona das pontas aparece a grande distância das duas primeiras com um valor de 16,0% (quadro 8).

Relativamente aos valores percentuais de ocorrências dos golos (quadro 8) o estudo indica que é da zona 6-9m onde se concretizam maior número de golos (42,5%). Muito distantes ficam os valores percentuais de ocorrências de golos das zonas de ponta (14,6%) e da primeira linha (23,8%), verificando-se neste último valor uma grande diferença em relação ao valor indicado para os remates realizados (33,7%).

Isto traduz uma baixa eficiência de remate na 1ª linha (36,6%), sendo mesmo o valor mais baixo das zonas observadas. Como valor mais elevado surge, muito naturalmente, a eficiência dos remates dos livres de 7 metros, com 74,7%, seguido das eficiências de remate dos 6-9m (59,1%) e pontas (47,2%).

	Percentagem de remates por zonas %	Percentagem de golos por zonas %	Eficiência de remates por zonas %
Ponta	16,0	14,6	47,2
6-9m	37,1	42,5	59,1
1ª Linha	33,7	23,8	36,6
7m	13,0	18,6	74,7

Quadro 9: Valores percentuais de ocorrências de remates e golos e respectiva eficiência por zonas (Czerwinski e Taborsky 1996)

Por outro lado, o estudo demonstrou a eficiência do contra-ataque, apresentando um valor de 72,9%, sendo este, segundo o autor, um valor elevado.

No domínio das falhas técnicas foram analisadas as perdas de bola e as faltas de ataque. As primeiras, que tem bastante impacto nos resultados desportivos, apresentam um valor médio absoluto de 14,2 perdas de bola por jogo. Por sua vez, as faltas atacantes apresentaram um valor médio de 4 por jogo.

Foram, por fim, analisadas as intercepções. Este elemento técnico tem um papel importante no andebol moderno já que o nível de intercepções reflecte em grande parte, a tática defensiva das equipas. Este Campeonato da Europa Feminino apresentou um valor médio absoluto de 9,2 faltas por jogo, demonstrador da agressividade das defesas.

Numa análise qualitativa do nível do jogo deste campeonato verificou-se uma grande utilização dos meios tácticos de grupo e uma grande cooperação entre os atacantes antes de rematar.

O sistema de ataque com um pivot (3:3) foi preferencialmente utilizado por todas as equipas. O sistema de ataque com dois pivots (2:4) era utilizado mais frequentemente quando a equipa adversária estava em desvantagem numérica (jogador excluído).

Na maioria dos casos, esta situação era acompanhada por um esforço aparente de sincronismo de actividades de um grande número de ataques de várias soluções de remate e de várias posições.

O esforço da maioria das equipas, para utilização de um alto ritmo de jogo, foi frequentemente desvalorizado pelas insuficiências técnicas de alguns jogadores e a sua baixa maturidade táctica (elevado número de perdas de bola, fim precipitado das acções de ataque).

Numa análise ao Campeonato do Mundo de Juniores Femininos, de 1995, Taborsky (1995) avaliou os aspectos quantitativos e qualitativos da performance do jogo. Foram analisadas as vinte equipas participantes no campeonato. Na apresentação quantitativa dos aspectos da performance, Taborsky também não indicou todos os valores limitando-se apenas aqueles mais relevantes para o estudo em causa.

Os resultados publicados das observações foram os seguintes: (i) o valor da eficácia de finalização situou-se nos 60% em quatro equipas. A Roménia com 60,7%, Coreia com 59,0%, Ucrânia com 59,1% e a Bulgária. Com uma eficácia bastante inferior aparece o Japão com 47,3%. Houve no entanto equipas com eficácias de remate relativamente baixas situando-se a média um pouco acima dos 40% (Eslovénia, Angola, Macedónia e Arábia Saudita). (ii) o n.º de golos concretizados por jogo nas melhores equipas mostra uma média substancialmente alta com mais de 20 golos por jogo. Os resultados obtidos foram os seguintes: Roménia 24,3, Dinamarca 23,3, Coreia 25,8, Croácia 23,1, e Eslováquia com 20,9 golos. Das doze melhores equipas só a Republica Checa (17,9) e a Holanda (17,4), tiveram uma média abaixo dos 20 golos. Isto demonstra, segundo o autor, uma evidência no conceito de jogo no ataque. (iii) a eficácia de remate nos livres de 7m situou-se acima dos 70% nas doze melhores equipas. A equipa com maior sucesso foi a Ucrânia com 86% seguida da Alemanha com 80%. As melhores equipas tinham uma média de três a cinco livres de 7m por jogo. (iv) as equipas que mais utilizaram o contra-ataque foram a Coreia com um total de 41 golos, seguida da Dinamarca e a Rússia com 39 golos. A média de golos obtidos através do contra-ataque foi de 4,5 golos por jogo. As quatro equipas apenas conseguiram 18 golos em contra-ataque o que dá uma média de 2 golos por jogo. (v) o número de falhas técnicas está em íntima correlação com o posicionamento final das equipas ou seja, aumenta à medida que se desce na tabela classificativa. Assim as equipas classificadas do primeiro ao sétimo lugares fizeram uma média de 12

falhas técnicas por jogo, do oitavo segundo lugares 14, do décimo terceiro ao décimo sexto 16,1 e do décimo sétimo ao vigésimo 22,8. A média das falhas técnicas do total das equipas situou-se nas 16,1 por jogo.

Da avaliação qualitativa da performance do jogo, Taborsky refere que a eficiência e performance das melhores equipas pode ser ilustrada pelas seguintes características: (i) preocupação em implementar na estratégia ofensiva velocidade em todas as fases do jogo; (ii) mudanças defensivas e ofensivas de acordo com a necessidade da situação; (iii) o uso no ataque de uma grande variedade de acções tácticas de grupo; (iv) acções sincronizadas no ataque de todos ou quase todos os jogadores; (v) frequentes mudanças no ataque de um para dois pivots; (vi) capacidade para usar as mais convenientes variantes no ataque em momentos determinados.

Germain (1997), num artigo de análise ao Campeonato do Mundo Feminino de 1995, apresenta um estudo estatístico centrado na eficácia do jogo de ataque das dez melhores equipas. O autor não refere o número de jogos observados e faz uma análise ao contra-ataque, ao ataque organizado e ao remate por zonas nesta mesma fase do processo ofensivo. Os remates estão divididos em: remates de perto, remates de longe e livres de sete metros. No entanto não existe referência ao critério de divisão das zonas.

No quadro 10 estão referidos os resultados relativamente às fases do processo ofensivo. Este encontrou uma eficácia de contra-ataque de 75,2%.

Contra-ataque			Ataque organizado			Eficácia Total
% oc. a.	% oc. a.	Efic.	% oc. a.	% oc. a.	Efic.	
18,6%	24,5%	75,2%	81,4%	75,5%	52%	56%

Quadro 10: Valores médios da performance de ocorrência de acções (% oc. a.) e de golos (% oc. a.) por fases do ataque e eficácias parciais e global de golos (Germain 1997).

Verifica-se um predomínio do ataque organizado (81,4%) relativamente ao contra-ataque (18,6). O valor percentual de ocorrência de golos aumenta no contra-ataque e diminui no ataque posicional, verificando-se o mesmo na eficácia de remate com valores de 75,2% e 52% no contra-ataque e ataque posicional respectivamente.

O quadro 11 apresenta os valores referentes aos remates por zonas no ataque posicional.

Remates de perto			Remates de longe			Livres de 7 metros		
% oc. a.	% oc. a.	Efic.	% oc. a.	% oc. a.	Efic.	% oc. a.	% oc. a.	Efic.
39,1%	46,4%	62,9%	52,3%	34,6%	36,8%	11,9%	18,0%	78,6%

Quadro 11: Valores médios da percentagem de ocorrências de acções (% oc. a.) e de golos (% oc. a.) nos remates por zonas e eficiência de remate (Efic.) (Germain 1997).

Da análise do quadro 11 verifica-se que em média as equipas utilizam bastante o remate de longe. A percentagem de ocorrências do remate situa-se nos 52,3% enquanto que nos remates de perto o valor é de 39,1%. Embora a percentagem de ocorrência de remates seja elevada nos remates de longe, o mesmo não acontece de perto (46,4%). O mesmo acontece com a eficácia do remate atingido as equipas no remate de perto uma concretização elevada com um valor percentual de 62,9%.

Andrés (1997), em equipas da Bundesliga encontrou uma percentagem de falhas técnicas de 28,57%. Refere ainda que o contra-ataque directo, tem lugar nas zonas centrais, na linha dos 6m, e numa percentagem inferior nas pontas, o que está de acordo com o nosso estudo.

Leitão (1998), analisou o processo ofensivo no Andebol Feminino Português, comparando equipas da 1ª divisão Nacional de diferentes níveis competitivos e conclui que: o ataque organizado é a fase predominante no jogo das equipas estudadas mas que as de nível superior utilizam mais vezes o contra-ataque fazendo diminuir o número de ataques organizado; verificou também que para o grupo mais forte a percentagem de falhas técnicas para este tipo de contra-ataques foi de 20%; conclui também que a principal origem das situações de contra-ataque surge através da reposição da bola pelo guarda-redes com uma percentagem de 37,5%, seguindo-se a interceptação com um percentagem de cerca de 20%; nesse mesmo estudo verificou que no contra-ataque directo as equipas apresentam uma percentagem média de falhas técnicas de 28,5%; refere ainda no seu estudo que as percentagens de remate durante esta fase do contra-ataque se situam entre os 58% e os 80%. Verificou também, que a

percentagem de remates encontrada no contra-ataque apoiado realizado pelas equipas portuguesas em estudo, situa-se entre os 58% e os 80%; encontrou uma percentagem de remates falhados de 16% e 25% neste tipo de contra-ataque.

Conceição (1996), Leitão (1998) revelam, igualmente, que no contra-ataque existe um comportamento preferencial por uma finalização perto da baliza e na zona central/lateral.

Conceição (1998), analisou o processo ofensivo no Andebol feminino Português, comparando equipas de Iniciadas e Juvenis. Conclui que: em relação ao contra-ataque as Juvenis apesar de cometerem mais falhas técnicas em termos absolutos nesta fase do jogo, finalizam 58,5% dos contra-ataques tentados, enquanto que nas Iniciadas 44,6% dos contra-ataques terminam em remate.

Fonseca (1999), constatou que as equipas do grupo mundial têm como forma de recuperação da posse de bola privilegiada o ressalto defensivo (38%), seguindo a intercepção (21%) e só depois a falha técnica do adversário (15%). Este afirma ainda que as equipas desenvolvem o ataque rápido após a recuperação da bola por erro do adversário ou por mérito defensivo e raramente após terem sofrido golo.

Vateva (2002), num estudo sobre o contra-ataque da selecção feminina Portuguesa, verificou que os contra-ataques com recursos a um e dois passes ou seja os contra-ataques directos, são os que mais ocorrem, com uma percentagem de (56%)

Em relação aos estudos realizados através da análise sequencial, salientamos um estudo realizado no andebol por **Ribeiro (2002)**, que teve como objectivo caracterizar o processo ofensivo em andebol, na sua fase de ataque posicional, através da observação e análise de sequências tácticas que originam golo. Procurou verificar se existia, ou não, um padrão de conduta entre as zonas de

onde o golo foi obtido e as acções de ruptura que lhes poderão estar na origem (principalmente relativas aos meios táticos de grupo ofensivos); recorrendo para tal a uma Análise descritiva e Sequencial.

Na análise ao 4º Campeonato Europeu de Andebol Feminino em Juniores, realizado na Finlândia em 2001, realçaram o facto de todas as equipas utilizarem muito o contra-ataque e as suas vantagens, como é realizado na maior parte das situações e também focaram o modo de prevenir o contra-ataque adversário. Marta Bom / SLO EHF Lecturer

Características sobre o contra-ataque seleccionadas dos jogos e das equipas do 5º Campeonato Europeu Feminino de Andebol na Dinamarca em 2002 (M. Arvidsson / DEN / Ronders HK; T. Hylle /DEN / Horsens HK; A. Thomsen /DEN / Horsens HK)

Equipa	Contra-ataques	Percentagem de Eficácia
AUT	32/39	82
BLR	10/15	67
CZE	29/37	78
DEN	44/68	65
ESP	5/7	71
FRA	48/55	87
GER	27/36	75
HUN	37/53	70
NED	8/13	62
NOR	49/68	72
ROM	39/54	72
RUS	27/50	54
SLO	16/23	70
SWE	11/13	85
UKR	19/32	59
TUG	61/79	77
TOTAL	462/642	72

Quadro 12: Percentagem de contra-ataques realizados no 5º Campeonato Europeu Feminino de Andebol na Dinamarca em 2002

Numa análise ao 6º Campeonato Europeu Feminino de Andebol na Rússia em 2003, contactaram que muitas equipas tentam usar o contra-ataque através de um grupo de jogadores ou de toda a equipa. A maior parte dos contra-ataques são executados pelo guarda-redes, através de um passe longo para um jogador mais avançado. Algumas equipas, por exemplo, a Rússia, Hungria, Holanda, Alemanha, utilizam o contra-ataque a partir de qualquer uma das vagas (dependendo da situação), e obtêm uma eficácia incrível.

Análise qualitativa do contra-ataque ao Campeonato Europeu Feminino na Hungria em 2004 (by Bogdan Macovei / EHF Lecturer – ROM)

	Golos	Contra-ataques	%
RUS	39	54	72
ROM	51	74	69
CRO	8	12	67
GER	28	43	65
SLO	28	43	65
SWE	10	16	63
NOR	77	133	58
UKR	46	82	56
BLR	5	9	56
DEN	34	62	55
HUN	26	49	53
SCG	22	44	50
AUT	42	87	48
ESP	34	73	47
FRA	26	55	47
CZE	8	25	32
	30,25	53,81	56,44
	18,72	32,02	10,35

Quadro 13: Percentagem de contra-ataques realizados Campeonato Europeu Feminino na Hungria em 2004

Análise qualitativa do contra-ataque ao Campeonato europeu feminino sub 17 em Viena 2005

Posição	Equipa	Contra-ataque	%
1	DEN	24/42	57.14
2	ROM	24/40	60.00
3	FRA	50/64	78.12
4	SLO	34/52	65.38
5	SVK	25/30	83.33
6	CRO	16/22	72.72
7	GER	43/54	79.62
8	HUN	14/17	82.35
9	RUS	48/64	75.00
10	AUT	39/50	78.00
11	SWE	32/40	80.00
12	LTU	41/52	78.84
13	SCG	49/61	80.32
14	ESP	15/17	88.23
15	CZE	53/70	75.71
16	TUR	33/43	76.74
	Total	540/718	71.34

Quadro 14: Percentagem de contra-ataques realizados Campeonato europeu feminino sub 17 em Viena 2005

3 - Material e métodos

3.1 Metodologia de Observação

3.1.1 Categorias de observação

Para a observação dos jogos em vídeo elaboramos uma ficha de registo que classifica as acções de contra-ataque de acordo com as seguintes categorias de observação.

1 – Fases do Contra-ataque:

- Contra-ataque directo (ou primeira vaga) é a acção caracterizada por um passe longo do guarda-redes ou um jogador de campo junto à zona defensiva, para um jogador isolado. O número de passes que consideramos para este tipo de contra-ataque foi um dois, por exemplo esse jogador isolado passa a bola a outro que se isola e está em melhores condições.
- Contra-ataque apoiado (ou segunda vaga) é a acção que ocorre imediatamente após, quando a anterior não é possível realizar. Os jogadores mais recuados defensivamente fazem o transporte da bola através de três a seis passes curtos e rápidos e chegam à zona atacante em superioridade numérica ou posicional.
- Ataque rápido (ou terceira vaga) quando das acções anteriores não ocorre golo, o ataque continua a jogar a um ritmo elevado aproveitando que a defesa ainda se encontra desorganizada.

Ao discriminar as diferentes vagas do contra-ataque, verificamos ser a 2ª vaga aquela que apresenta maior complexidade e maior dificuldade já que envolve acções entre mais do que um jogador, ao contrário da 1ª vaga que é a mais simples (Czerwinski, 1993), e por isso mais facilmente utilizada com sucesso pelos jogadores.

2- As zonas de remate onde termina o contra-ataque:

- 1ª Linha: Zona Central (7) e zonas laterais (Esq. 6 e Dir-8);
- 2ª Linha: Zona Central (3), zonas laterais (Esq-2 e Dir-4) e pontas (Esq-1 e Dir-5).

Cruz (1988), caracteriza a fase de finalização da seguinte forma: por uma evidente aceleração do ritmo de circulação da bola; movimentações dos jogadores a partir da posição inicial; dialéctica evidente entre as acções de defesa e de ataque, um procurando levar a defesa a cometer erros e, esta tentando evitar esses erros e recuperar a bola, procurando por sua vez que seja o ataque a cometer esses erros.

3- Resultado da finalização:

- Golo (quando a bola ultrapassa totalmente a linha de baliza).
- Remate falhado (defesa do guarda-redes, remate para fora).
- Falha técnica (perda de posse de bola por, maus passes, dribles, atacantes e violações).
- Falta (paragem da acção de contra-ataque por falta do adversário).

3.2 Fiabilidade da Observação

Após a definição de todas as variáveis em observação no nosso estudo e para assegurar a validade da informação recolhida, foi determinado o cálculo da fiabilidade intra-observador e inter-observadores.

Para estabelecer a fiabilidade da observação deve comparar-se os dados obtidos, quer para o mesmo observador, quer para dois ou mais observadores (Sarmiento, 1991).

Com esta determinação asseguramos que, em diferentes momentos, o mesmo observador identifica, interpreta e regista de modo idêntico, um ou vários comportamentos (fiabilidade intra-observador); também, desta forma se pretende garantir que, face a situações idênticas, vários observadores possam identificar, interpretar e registar os mesmos comportamentos (fiabilidade inter-observadores).

No entanto, no nosso estudo apenas houve um observador, a quem foi entregue uma ficha de registo e um protocolo de observação que incluía os campogramas e explicava as variáveis, bem como as suas formas de registo. Com intuito de testar a qualidade dos dados, realizamos duas observações: uma observação total de cada jogo e uma 2ª observação dos primeiros 15 minutos de cada jogo. A partir dos dados recolhidos verificamos qual a percentagem de acordos entre as duas observações, através do índice de acordos estabelecidos a partir da fórmula de Bellack (Van Der Mars, 1989, citado por Mesquita, 1993).

$$\% \text{ de Acordos} = \frac{\text{N.º de acordos}}{\text{N.º de acordos} + \text{n.º de desacordos}} * 100$$

A fiabilidade da observação pode ser comprovada pelo facto da percentagem de acordos obtida ser de 98%, valor acima dos 85% considerados como valor mínimo pelo autor (Bellack e tal. 1966, citado por Mesquita, 1993).

3.3 Amostra

A nossa amostra foi seleccionada a partir dos 56 jogos realizados na 1ª fase do Campeonato Nacional da 1ª divisão Seniores Femininos da Federação de Andebol de Portugal na época 2003/2004.

Fizemos uma selecção dos jogos que nos interessavam, visto que nos afigura óbvio que os diversos indicadores de jogo assumem importâncias diferenciadas em função da expressão do resultado final. Esta mesma opinião é partilhada por Sampaio (1997), quando refere que é necessário definir critérios de inclusão/exclusão, face à diferença pontual dos jogos, no sentido de conferir mais objectividade às análises subsequentes.

Apenas seleccionamos 12 dos jogos, pois foram os únicos em que o resultado final foi equilibrado; ou seja, em que a diferença de golos no final foi inferior ou igual a 2 golos. No entanto, após inúmeros contactos com os clubes e com a

própria Federação, só tivemos acesso a 8 dos mesmos, o que reduziu a nossa amostra.

É de referir, que nos jogos seleccionados verificamos que as melhores equipas têm os jogos mais equilibrados contra equipas do seu nível competitivo, assim como também se verifica o mesmo, nas equipas que lutavam pela manutenção de divisão. Deste modo, os jogos observados foram os seguintes:

- Santa Joana – Juve Lis
- Santa Joana – Porto Salvo
- Grijó – Colégio de Gaia
- Gil Eanes – Madeira Sad
- Gil Eanes – Colégio de Gaia
- Madeira Sad – Gil Eanes
- Sport Madeira – Juve Lis
- Juve Lis – Santa Joana

A amostra é constituída por 149 contra-ataques efectuados, pelas suas zonas de finalização e pelos seus níveis de eficácia nas acções realizadas.

3.4 Processamento dos dados

Os estudos descritivos constituem a maioria dos trabalhos realizados em Andebol. São trabalhos em que os autores recorrem principalmente à estatística descritiva, (valores da média, desvio-padrão, valores percentuais) tendo em vista o estabelecimento de valores de referência que permitam (i) a regulação da prestação desportiva de atletas e equipas e (ii) a detecção das tendências evolutivas da modalidade. No nosso estudo, uma vez que os valores percentuais eram suficientes para analisarmos os parâmetros seleccionados (taxas de ocorrência, eficácia de finalização e zonas de finalização), apenas utilizamos a análise descritiva. Não recorremos a mais nenhum tipo de análise pois não nos davam valores significativos.

O tratamento estatístico dos dados foi realizado recorrendo à utilização do programa Microsoft Excel.

4. Apresentação e discussão dos resultados

4.1 Análise descritiva

4.1.1- Recuperação da posse de bola

Relativamente às posses de bola que originam contra-ataque, estas podem ser derivadas de falhas técnicas cometidas pela equipa adversária, por defesas do guarda-redes, por ressalto defensivo e através de roubo de bola.

A transição das zonas de recuperação da posse de bola para as zonas predominantes de finalização é efectuada de forma cada vez mais rápida, diminuindo o tempo de construção do ataque. No processo defensivo são substituídas as formas defensivas passivas, centradas no intuito da defesa da baliza, por formas activas com as equipas a variarem os seus sistemas defensivos no decorrer do próprio jogo e em que as situações de 1x1 são decididas com vantagem para o defensor. A defesa obriga o aparecimento de um ataque qualitativo (Polkrayac, 1989).

O grande desenvolvimento do Andebol a nível mundial tem registado uma tendência nítida de uma maior variedade de soluções táctico-técnicas, bem como de um maior dinamismo e rapidez do jogo (Kreisel, 1989; Spate, 1992b; Czerwinski, 1994b; Germain, 1997a).

Como no nosso estudo a recuperação da posse de bola é feita essencialmente através das falhas técnicas do adversário, este facto poderá originar uma utilização mais frequente do contra-ataque directo. De facto como a equipa que está a atacar perde a bola de forma inesperada, a recuperação defensiva é prejudicada sendo muitas vezes ineficaz ou inexistente.

No seu estudo Fonseca (1999), constatou que as equipas do grupo mundial têm como forma de recuperação da posse de bola privilegiada o ressalto defensivo (38%), seguindo a intercepção (21%) e só depois a falha técnica do adversário (15%). Esta aparente divergência com os resultados por nós obtidos, pode ser explicada pelo facto do referido autor ter considerado a totalidade das recuperações de posse de bola, contrariamente ao nosso estudo

em que se consideram apenas as situações que dão origem a contra-ataques e ataque rápido.

Os resultados do nosso estudo contrariam os obtidos por Leitão (1998), num trabalho em que analisou a prestação de equipas portuguesas de diferentes divisões, no qual o autor conclui que a principal origem das situações de contra-ataque surge através da reposição da bola pelo guarda-redes com uma percentagem de 37,5%, seguindo-se a intercepção com um percentagem de cerca de 20%.

No nosso estudo constatamos ainda que o ataque rápido após golo (contra-golo), é utilizado 24% das situações, o que demonstra que as equipas cada vez mais utilizam com frequência a possibilidade de atacar sem que os defensores tenham recuperado para o seu meio campo. Estes resultados não corroboram as conclusões de Fonseca (1999), que afirma quando que equipas desenvolvem o ataque rápido após a recuperação da bola por erro do adversário ou por mérito defensivo e raramente após terem sofrido golo.

4.1.2 Frequência do contra-ataque

O contra-ataque directo foi o mais utilizado com 56%, seguido do ataque rápido com 24% e por fim o contra-ataque apoiado com 19%.

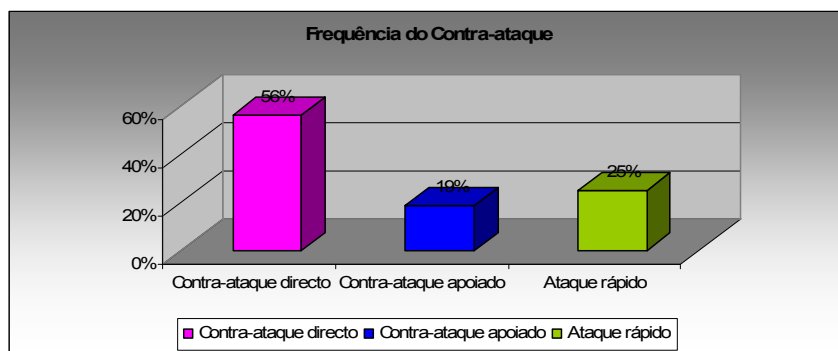


Gráfico 1: Frequência do contra-ataque

Os tipos de contra-ataque mais frequentes foram o contra-ataque directo e o ataque rápido, o que não está totalmente de acordo com os resultados de Germain (1997b), que afirma que o contra-ataque ocupa lugar de destaque, sobretudo ao nível do contra-ataque directo e apoiado.

Queremos destacar a importância dos contra-ataques de 1ª vaga, simples ou directos, nos jogos observados, já que a maioria dos guarda-redes, depois de um remate à baliza sem êxito, iniciam o jogo de ataque rapidamente, através de um passe para um jogador bem colocado e adiantado no campo. Assim, observamos que a maioria dos contra-ataques de 1ª vaga são realizados graças a um passe rápido do guarda-redes; no caso da bola sair pela linha final, este realiza o passe, para um jogador colocado perto de si, iniciando a 2ª vaga do contra-ataque.

Ao discriminar as diferentes vagas do contra-ataque, verificamos ser a 2ª vaga aquela que apresenta maior complexidade e maior dificuldade já que envolve acções entre mais do que um jogador, ao contrário da 1ª vaga que é a mais simples (Czerwinski, 1993), e por isso mais facilmente utilizada com sucesso pelos jogadores.

Esta afirmação vem de encontro aos nossos resultados, uma vez que houve um predomínio da utilização do contra-ataque directo e ataque rápido em detrimento do contra-ataque apoiado. No entanto, os resultados por nós obtidos contrariam os estudos de Leitão (1998) e Fonseca (1999) nos quais os autores constataam um predomínio da utilização do contra-ataque apoiado em detrimento do contra-ataque directo.

A 3ª vaga, é considerada na literatura como desencadeadora de novas possibilidades tácticas (Bayer, 1990; Spate, 1992, Czerwinski, 1995b, Germain, 1997), foi utilizada 24% pelas equipas em estudo.

Este facto poderá estar relacionado com o facto das equipas se encontrarem com parciais muito equilibrados, e procurarem jogar de forma a surpreender o adversário, enquanto este ainda realiza a recuperação defensiva.

4.2 Resultados do contra-ataque

Do total de contra-ataques realizados, 38% resultaram em golo, 15% em remates falhados, 5% em 7 metros, 23% correspondente ao número de falhas técnicas e os restantes 19 %, resultaram em falta.

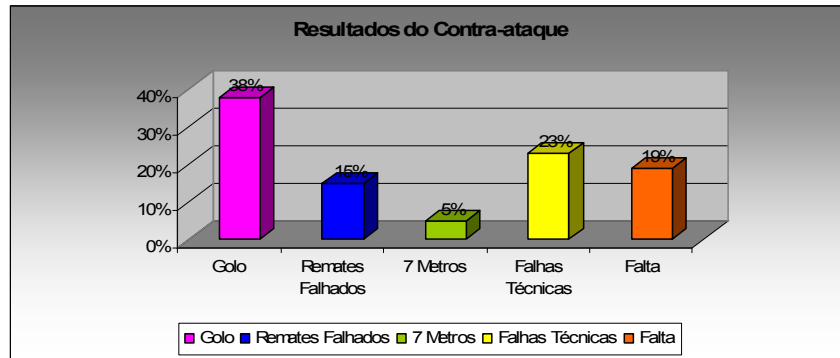


Gráfico 2: Resultados do contra-ataque

Como podemos observar uma boa parte dos contra-ataques terminam em remate, o que nos parece natural, já que, segundo Cruz (1989), o contra-ataque é a forma mais simples de marcar golo.

O número de falhas técnicas implica assumir o risco de perder a posse de bola, já que é habitualmente executado a uma velocidade bastante elevada, como podemos verificar no estudo de Andrés (1997), em equipas da Bundesliga encontrou uma percentagem de falhas técnicas de 28,57%. A percentagem por nós obtida no estudo relativamente às falhas técnicas é muito próxima da do estudo de Andrés (1997), o que comprova o elevado risco desta acção.

4.2.1 Eficácia do remate

Dos 146 contra-ataques realizados, 86 resultaram em remate 66,3% terminaram em golo e 33,7% terminaram em remates falhados.

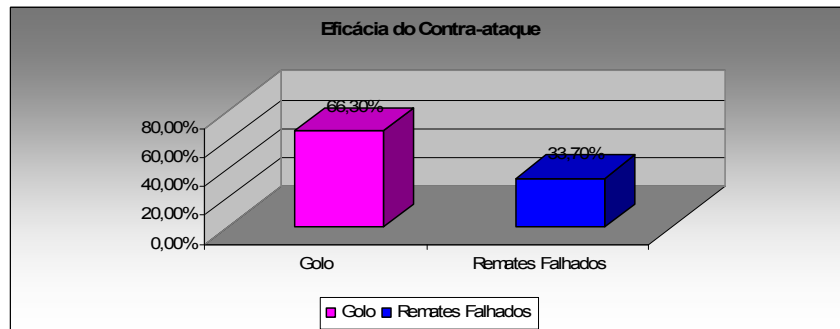


Gráfico 3: Eficácia do contra-ataque

A eficácia do remate em contra-ataque encontrada no nosso estudo (66,3%) parece estar um pouco abaixo dos valores definidos na literatura como sendo ideais para esta fase do jogo. De facto, Germain (1997b), numa análise ao Campeonato do Mundo Feminino de 1995 encontrou uma eficácia de contra-ataque de 75, 2%. Roman e Bayer (1990), defendem que esta fase do jogo é aquela onde os níveis de eficácia são mais elevados, cerca de (80%), bem acima dos valores obtidos para o ataque posicional em que a eficácia muito facilmente ultrapassa os 40%.

No entanto, quando comparamos os resultados do nosso estudo com os resultados da análise realizada por Czerwinski, 1994a; Czerwinski, (1995b), ao Campeonatos do Mundo de 1993 (41,1%), e da Europa de 1994 (53%), verificamos um aumento substancial da eficácia obtida para esta fase do jogo.

4.3 Contra-ataque directo

Como podemos verificar, o contra-ataque directo realizado apenas com 1 e 2 passes foram os que obtiveram uma maior percentagem (56,4%).

Vateva (2002), num estudo sobre o contra-ataque da selecção feminina Portuguesa, verificou que os contra-ataques com recursos a um e dois passes ou seja os contra-ataques directos, são os que mais ocorrem, com uma percentagem de (56%), o que vem de encontro aos nossos resultados. Uma das maiores preocupações no contra-ataque é conseguir chegar numa situação favorável para finalizar o mais rapidamente possível, logo devem-no fazer o mais depressa e simples que conseguirem, quanto menor for o número de passes mais rápido se realiza e por isso parece-nos lógico que o contra-ataque com 1 e 2 passes seja o ideal para atingir o objectivo.

4.3.1 Eficácia do contra-ataque directo

Relativamente à eficácia do contra-ataque directo, o gráfico 4, mostra-nos que 43% terminaram em golo, 15% em remates falhados, 23% em falhas técnicas e 19% em faltas cometidas pelo adversário na recuperação defensiva.

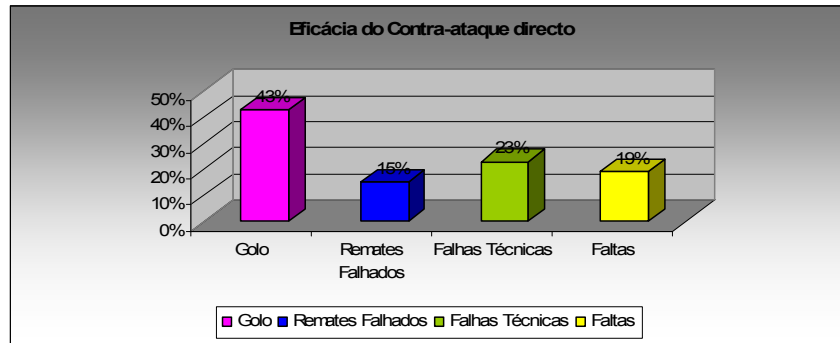


Gráfico 4: Eficácia do contra-ataque directo

Dos vários tipos de contra-ataque, o directo é o mais simples, já que normalmente é realizado por jogadores que se isolam e ficam totalmente sozinhos não havendo muita pressão por parte dos defensores. No entanto o facto de habitualmente ser realizado a elevada velocidade pode aumentar o número de erros. Leitão (1998) num estudo com equipas portuguesas verificou que no contra-ataque directo as equipas apresentam uma percentagem média de falhas técnicas de 28,5%. Quando avaliamos esses erros (este mesmo indicador no presente estudo), verificamos que a percentagem de contra-ataques directos que terminam em falhas técnicas é de 23%, embora o valor seja inferior, não é muito diferente, logo confirma a opinião de Leitão.

Este, refere ainda no seu estudo que as percentagens de remate durante esta fase do contra-ataque se situam entre os 58% e os 80%, pelo que os resultados por nós encontrados (58%), encontra-se nesse intervalo.

Por último importa referir que o número de contra-ataques interrompidos pelo adversário através de faltas (19%), é indicador da dificuldade existente na recuperação defensiva quando uma equipa é colocada perante este tipo de contra-ataque.

4.3.1.1 Eficácia de remate no contra-ataque directo

Dos 86 remates realizados neste tipo de contra-ataque, 66,3% originaram golo e 33,7% remates falhados, percentagem, esta superior ao valor encontrado por Leitão (1998) que apenas refere 10% de remates falhados no contra-ataque directo.

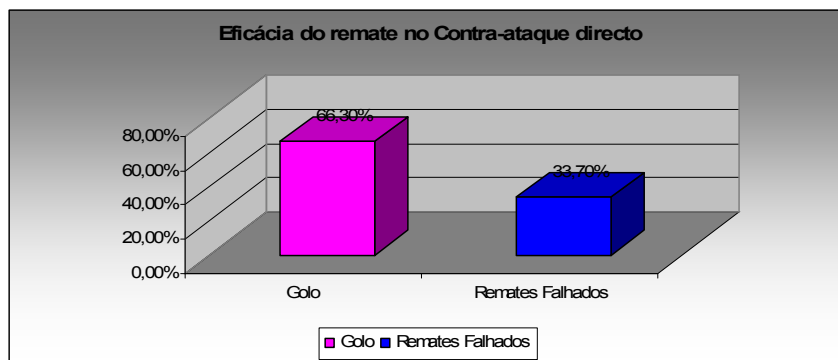


Gráfico 5: Eficácia do remate no contra-ataque directo

A percentagem de remates falhados, pode assim ser considerada elevada, já que este tipo de contra-ataque pressupõe que se finalize quase sempre em superioridade numérica, surgindo um jogador isolado frente ao guarda-redes. Por outro lado, estes valores vêm realçar a importância das guarda-redes, que conseguem evitar o golo numa situação claramente desfavorável, o que indicia elevada eficácia e qualidade.

4.4 Contra-ataque apoiado

4.4.1 Eficácia do contra-ataque apoiado

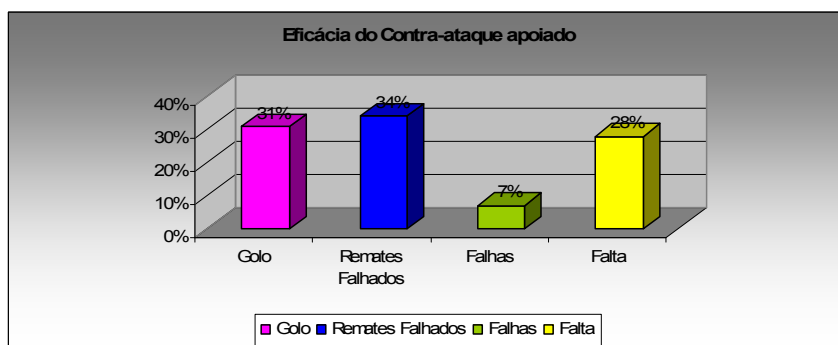


Gráfico 6: Eficácia do contra-ataque apoiado

Relativamente à eficácia do contra-ataque apoiado podemos observar no gráfico 6 que, 31% dos contra-ataques apoiados terminaram em golo, 34% em remates falhados, 7% em falhas técnicas e 28% em falta.

Leitão (1998), no estudo que realizou, verificou que para o grupo mais forte a percentagem de falhas técnicas para este tipo de contra-ataques foi de 20%, o que não vem muito de encontro ao nosso estudo (7%).

No que diz respeito à percentagem de faltas do adversário, existem na literatura poucos valores de referência, mas constatamos um aumento relativamente às que se verificam no desenvolvimento do contra-ataque directo. Este facto é naturalmente influenciado pelo maior número de passes e jogadoras envolvidas neste tipo de contra-ataque, o que aumenta a possibilidade da defesa efectuar uma paragem da progressão para a baliza.

A explicação mais provável dever-se-á à maior complexidade desta vaga e na sua maior dificuldade já que envolve acções entre mais do que uma jogadora ao contrário da 1ª vaga que é mais simples e por isso mais facilmente utilizada com sucesso pelas jogadoras.

No seu estudo Leitão (1998), verificou que a percentagem de remates encontrada no contra-ataque apoiado realizado pelas equipas portuguesas em estudo, situa-se entre os 58% e os 80%, o que está de acordo com os nossos resultados (65%).

4.4.1.1 Eficácia de remate no contra-ataque apoiado

Dos 19 remates realizados neste tipo de contra-ataque, 74% originaram golos e 26% remates falhados.

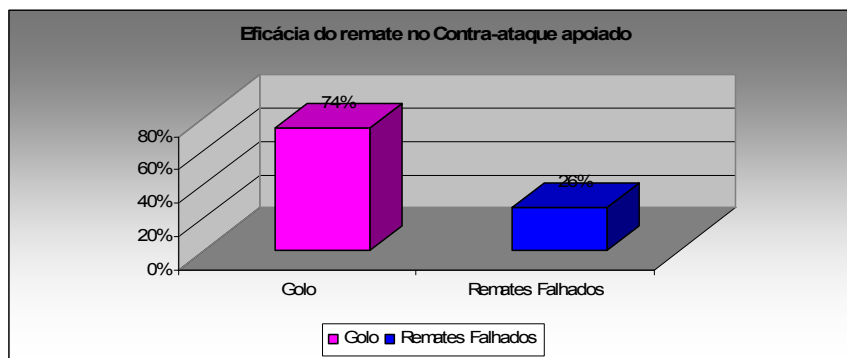


Gráfico 7: Eficácia do remate no contra-ataque apoiado

No estudo que Leitão (1998) realizou em equipas portuguesas encontrou uma percentagem de remates falhados de 16% e 25% neste tipo de contra-ataque o que mostra que os valores estão muito próximos dos do nosso estudo.

Uma das explicações que encontramos para explicar esta percentagem de remates falhados, é que neste tipo de contra-ataque, surgem maiores situações de 1x1 antes de finalizarem, o que pode levar a um índice de insucesso maior do que no contra-ataque directo.

4.5 Ataque rápido

Como já foi referido o ataque rápido foi o segundo tipo de contra-ataque mais utilizado (24%), o que nos parece lógico uma vez que este tipo de contra-ataque surge quando não é possível finalizar através do contra-ataque apoiado. Assim as equipas em vez de pararem o contra-ataque e organizarem o ataque posicional continuam a atacar aproveitando a momentânea desorganização defensiva.

Trosse (1993) considera que uma equipa que interprete o ataque rápido de forma mais ou menos recorrente, é uma ameaça para o adversário, mantendo-o em constante estado de alerta, exercendo, assim, sobre ele, um grande desgaste das capacidades técnicas, tácticas, físicas e sobretudo, psicológicas. As equipas observadas efectuam algumas transições rápidas dos espaços defensivos para as zonas de finalização e tiram proveito da transição rápida para procurar finalizar frente ao antagonista. A organização ofensiva das equipas do presente estudo é realizada através do contra-ataque e do ataque rápido.

Em relação aos restantes ataques rápidos, muitos deles realizam-se após a equipa ter sofrido golo (contra-golo), o que não acontece com muita frequência. Dos 14 contra-golos realizados, 43% terminaram em golo, 36% em faltas e 21% em defesas do guarda-redes. Como se vê, o contra-golo não é uma forma muito segura de ataque, pois correm-se muitos riscos, uma vez que a reposição de bola é rápida na zona central e a equipa adversária embora esteja desorganizada defensivamente, pode parar com facilidade o contra-golo através de faltas, como se verifica nos resultados obtidos (36%), ou mesmo

através de uma intervenção do guarda-redes (21%), devido à maior parte dos remates ser precipitado ou em condições desfavoráveis.

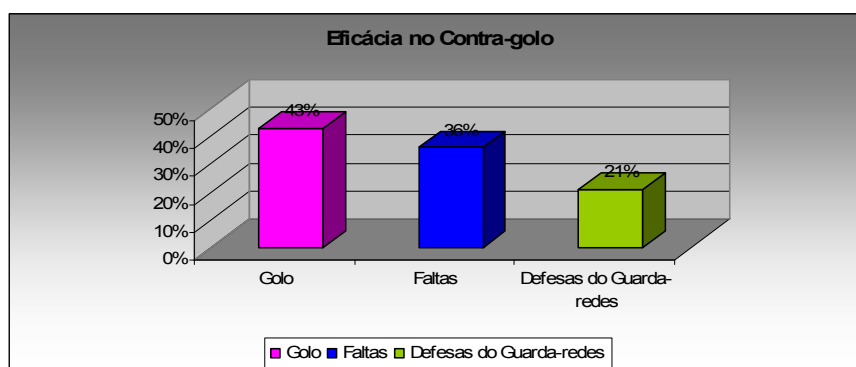


Gráfico 8: Eficácia do contra-golo

4.5.1 Eficácia do ataque rápido

Relativamente à eficácia do ataque rápido podemos observar no gráfico 9, que 36,1% dos contra-ataques realizados terminaram em golo, 22,2% em remates falhados, 30,5% em faltas e 11,2% em falhas técnicas.

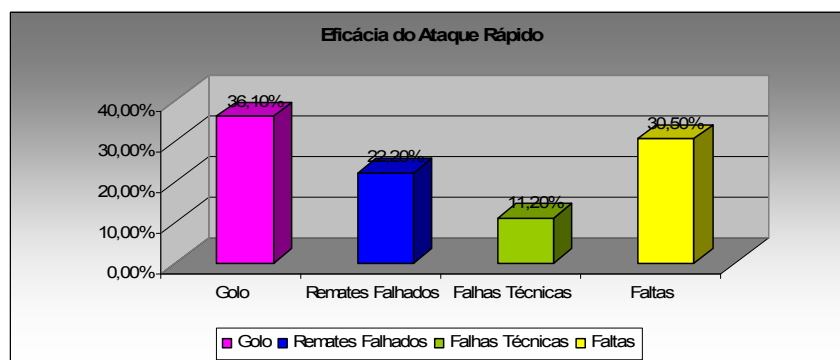


Gráfico 9: Eficácia do ataque rápido

No que diz respeito às faltas realizadas no ataque rápido, dos três tipos de contra-ataque, o ataque rápido, é aquele onde é provável que surjam mais faltas, uma vez que, a defesa conseguiu efectuar a recuperação defensiva e apesar de ainda não se encontrar organizada num sistema defensivo, tem mais possibilidade de contrariar o ataque do adversário.

O número de falhas técnicas é inferior ao do contra-ataque directo, o que poderá ser explicado pelo facto das equipas não correrem tantos riscos já que

a defesa adversária já se encontra na sua zona defensiva e devido à velocidade de execução da circulação da bola também poder ser menor.

4.5.1.1 Eficácia do remate no ataque rápido

Dos 21 remates realizados neste tipo de contra-ataque, 62% originaram golo e 38% em remates falhados.

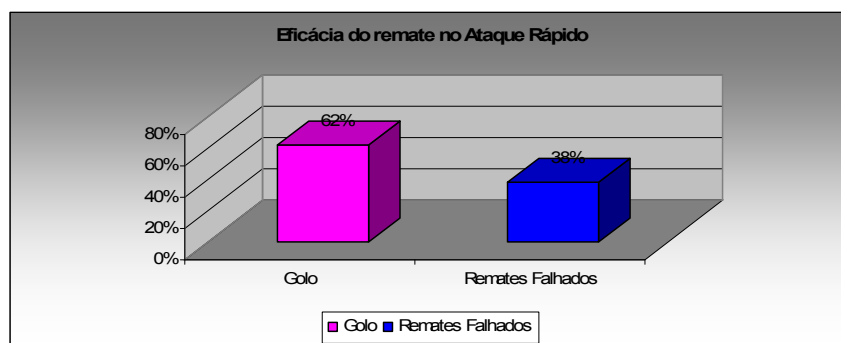


Gráfico 10: Eficácia do remate no ataque rápido

A percentagem de golos em relação aos remates falhados é superior, o que nos surpreende um pouco, pelo facto da defesa já estar quase organizada e por muitas das vezes o remate que surge é com bloco, facilitando assim o trabalho do guarda-redes e aumentando a dificuldade das rematadoras; neste caso encontramos uma única explicação, uma vez que a defesa ainda está em fase de organização, é apanhada desprevenida através dos meios tácticos de grupo penetrações sucessivas, e cruzamentos originando sucesso ao ataque.

4.6 Zonas de finalização

Relativamente às zonas de finalização, verificamos que, a zona onde ocorreu o maior número de remates foi na zona central Z7, seguida pelas zonas laterais Z2, Z4 e Z5, com percentagens de 36%, 19,8%, 15,1% e 15,1% respectivamente.

Os resultados por nós obtidos vêm mais uma vez confirmar que o contra-ataque é a forma mais simples de marcar golo, pelo facto da maior parte dos

remates serem finalizados nas zonas centrais de 2ª linha, com excepção da zona Z7.

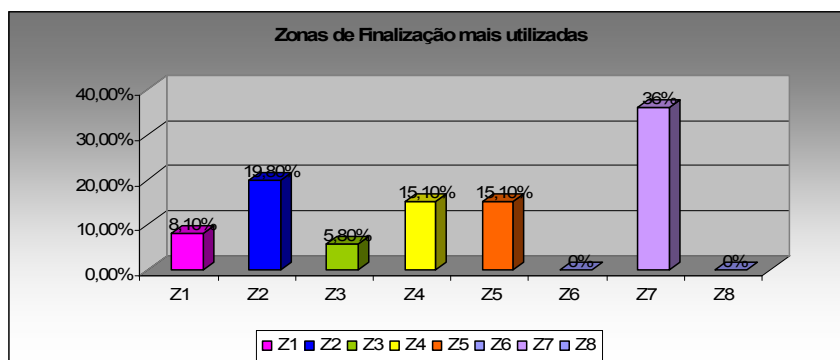


Gráfico 11: Zonas de Finalização utilizadas

Podemos justificar a opção por esta zona de finalização, uma vez que aos 6m na zona central Z3 o atacante perante o guarda-redes se não optar pelo salto mais correcto nesta zona (fugir ao guarda-redes, saltando para um dos lados), vê pouco espaço da baliza, o que dificulta o remate; por sua vez, se finalizar da zona Z7 o atacante já tem uma melhor visão da baliza.

A finalização do ataque é a situação em que o ataque a partir da organização que estabeleceu na fase anterior, vai tentar ultrapassar a defesa levando-a a cometer erros, através da circulação da bola e dos jogadores.

Cruz (1988), caracteriza a fase de finalização da seguinte forma: por uma evidente aceleração do ritmo de circulação da bola; movimentações dos jogadores a partir da posição inicial; dialéctica evidente entre as acções de defesa e de ataque, um procurando levar a defesa a cometer erros e, esta tentando evitar esses erros e recuperar a bola, procurando por sua vez que seja o ataque a cometer esses erros.

Conceição (1996), Leitão (1998) revelam, igualmente, que no contra-ataque existe um comportamento preferencial por uma finalização perto da baliza e na zona central/lateral.

Andrés (1997), refere que o contra-ataque directo, tem lugar nas zonas centrais, na linha dos 6m, e numa percentagem inferior nas pontas, o que está de acordo com o nosso estudo.

No nosso estudo a zona Z5 foi uma das mais solicitadas, facto este, que pode estar relacionado com o elevado número de jogadoras destras nas equipas observadas, o que as leva a optarem pelo lado direito não só para protegerem melhor a bola mas também por ser mais fácil de finalizar; e também não nos podemos esquecer que a segunda forma de contra-ataque mais utilizada no nosso estudo foi o ataque rápido, o que nos leva a pensar que através do meio táctico de grupo ofensivo - penetrações sucessivas, ganhassem mais vantagem para o lado direito.

Ainda Fonseca (1999), refere que, as zonas preferenciais de remate durante o ataque rápido, é a zona central seguida das zonas laterais e por fim as pontas. O que mais uma vez, vem de encontro ao nosso estudo.

Logo será lógico afirmar que tendo o contra-ataque como objectivo procurar marcar golo em superioridade numérica, que os remates surjam em maior número de vezes na zona central e laterais aos 6m onde é mais fácil finalizar.

4.6.1 Eficácia nas zonas de finalização

A zona com maior percentagem de finalização foi a zona Z1 com 85,7%, seguida da zona Z5 com 76,9%, a zona Z4 com 69,2%, a zona Z7 com 64,5%, a zona Z2 com 58,8%, a zona Z3 com 40% e por último as zonas Z6 e Z8.

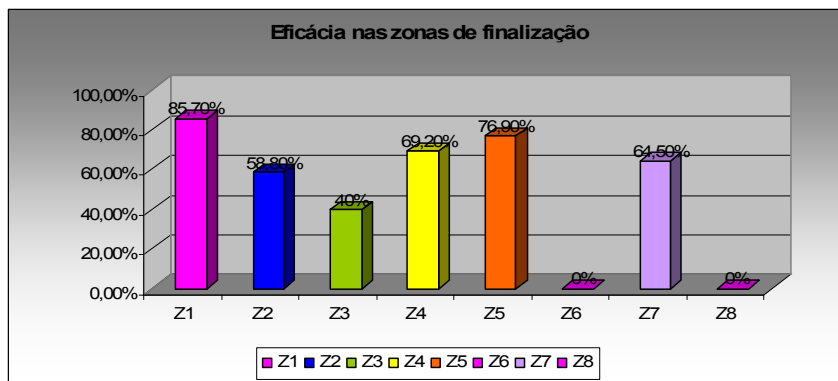


Gráfico 12: Eficácia nas Zonas de Finalização

Podemos justificar o facto da zona Z1 ter obtido maior eficácia, devido ao número de remates nesta zona ter sido reduzido (8), apenas 1 não foi concretizado. Os dados obtidos nas zonas 2, 4, 5 e 7 não nos surpreendem

pois vão de encontro aos resultados demonstrados anteriormente, são as zonas mais utilizadas para finalizar em contra-ataque. A zona Z3 também tem uma percentagem de certo modo elevada, pelo mesmo motivo que a zona Z1. As zonas Z6 e Z8, não obtiveram qualquer percentagem pois nos jogos observados nunca foram utilizadas.

5. Conclusões

No contexto do presente estudo emerge claramente o seguinte quadro de conclusões:

- (i) As equipas observadas recuperam mais vezes a posse de bola através de falhas técnicas cometidas pelo adversário.
- (ii) O contra-ataque directo é o tipo de contra-ataque com maior incidência no jogo de andebol praticado pelas equipas em estudo, seguido pelo ataque rápido, enquanto que o contra-ataque apoiado assume menor relevância.
- (iii) Constatamos que a maioria dos contra-ataques são finalizados da zona central Z7 (1ª linha), seguida pelas zonas laterais Z2, Z4 e Z5 (2ª linha), com percentagens de 36%, 19,8%, 15,1% e 15,1% respectivamente.
- (iv) Verificamos também que a eficácia total de remates em contra-ataque é superior a 60%. No entanto, o contra-ataque directo é sem dúvida onde as equipas atingem níveis de eficácia superiores (66,3%).

6. Bibliografia

Anguera, M. (2004): Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Vol.4. n.º 3 (49-65).

Andrés, F. (1997): Balonmano: analisis de quatro equipos de Bundesliga: T. H. M. Kiel. V.F.L. Gummersback, Dusseldorf, S. G. Wallau. Apunts- Education Física y Deportes.

Anton, J. (1990): Balonmano, Fundamentos y Etapas del Aprendizaje. Editorial Gymnos, (eds.). Madrid.

Anton, J.L. (1991): "Bases para una propuesta de un concepto de juego de ataque contra una defensa 3:2:1" Clinic Internacional Sete Metros, Loures (Portugal).

Anton, J. (1998): Táctica grupal ofensiva. Granada

Bayer, C. (1990): Peut-ont parler de spécificité du Handball feminine? Approches du Handball.

Bayer, C. (1994): O ensino dos desportos colectivos. Colecção desporto. Ed. Dinalivro. Lisboa.

Bayer, C. (1999): O ensino dos desportos colectivos. Edições Dinalivro, (eds). Lisboa.

Barbosa, J. (1988): A organização do Jogo em Andebol. Estudo comparativo do processo ofensivo em equipas de Alto Nível, em função da relação numérica ataque-defesa. Dissertação de Mestrado. (Não Publicado). FCDEF –UP.

- Borges, S. (1996): O perfil do deslocamento do andebolista. Um estudo com jogadores seniores masculinos.
- Cercel, P. (1980): O balonmano. Ejercicios para las fases de Juego. Editorial Sport – Turism, (eds). Bucarest.
- Coelho, J. (2003): A defesa no Andebol: um estudo de caso com a equipa do Futebol Clube do Porto participante no Campeonato 2002-03 da Liga Portuguesa de Andebol. Dissertação Licenciatura. (Não Publicado). FCDEF-UP.
- Conceição, L. (1998): Análise do jogo de andebol. Estudo comparativo do processo ofensivo em equipas de iniciados e juvenis femininos. Dissertação de Mestrado. (Não Publicado). FCDEF-UP.
- Cruz, C. (1989): O contra-ataque. Revista sete metros (32): pp. 63-71.
- Cruz, C. (1991): O contra-ataque. In: Setemetros, 32: 63-71. Lisboa.
- Cuesta, J. (1991): Balonmano. Comité Olímpico Español e Federation Española da Balonmano.
- Czerwinski, J. (1976): “El contraataque”. Comunicación Técnica nº 35. FEBM. Madrid, Septiembre 1976.
- Czerwinski, J. (1980): Contre-ataque. In: FFHB. Ver. Institut National du Sport et L’E. P. Paris.
- Czerwinski, J. (1993): El balonmano. Técnica e táctica y Entrenamiento. Editorial Paidotribo, (eds). Barcelona.

Czerwinski, J.; Taborsky, F. (1997), The goalkeeper. In Basic Handball (pp. 19-28). Viena: Edições EHF

Espar, F. (2002): Balonmano. Barcelona Martinez-Roca

Fieldman, K. (1999): Apontamentos da comunicação apresentada no XV Clinic da Associação de Andebol do Porto.

Fonseca, O. (1999): Andebol português versus Andebol Mundial. Estudo comparativo da organização ofensiva em equipas femininas de alto rendimento. Dissertação de Mestrado. (Não publicado). FCDEF-UP.

Garcia, J. (1994): Balonmano. Metodologia y Alto Rendimiento. Editorial Paidotribo (eds). Barcelona.

Garcia, J. (1999): Apontamentos da comunicação apresentada no Clinic IV acção técnica de andebol da federação portuguesa. Almada.

Garcia Herrero, J.A. (1999): "La anticipación defensiva en la etapa de perfeccionamiento". RFEBM, Comunicación Técnica nº 180. Revista Asociación de Entrenadores de Balonmano. Número 8. Febrero, 1999.

Garcia, J. & al. (2000) Balonmano: Alternativas y factores para la mejora del aprendizaje. Editorial Gymnos

Garcia, Juan L. Antón (2000). Balonmano – Perfeccionamiento e investigación. Inde Publicaciones. España.

Garganta, J. (1994): Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: O ensino dos jogos Desportivos, 11-25. Amândio Graça e José oliveira (eds). CEJD/FCDEF-UP.

Garganta, J. (1997): Modelação táctica do jogo de Futebol – Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Tese de Doutoramento, FCDEF-UP.

Germain, J. (1997): Évolution du haut niveau feminine mondial 95 – 1^o ere partie. Approches du Handeball.

Germanescu, I. (1991): Coment render le Handeball plus seduisan. Euro-Hand.

Gymnosreal Federación Española de Balonmano (2001): Reglas de Juego.

Kreisel, W. (1989): Evolution du Handeball pendant dès annés 80 et resultants dès jeux Olympiques de 1988. Euro-Hand.

Krumbholz, O. (1996): Mondial féminin 1995 in Autrich e Hongrie. Approches du Handeball.

Latiskevitz, L. (1991): Balonmano. Editorial Paidotribo. (eds). Barcelona.

Leitão, A. (1998): O processo ofensivo no andebol. Estudo comparativo entre equipas femininas de diferente nível competitivo. Dissertação de Mestrado. (Não publicado). FCDEF-UP.

Magalhães, F. (1999): Relação entre indicadores de eficácia e a classificação final das equipas de andebol. Um estudo no Campeonato Nacional da 1^a divisão masculina

Marques, A. (1983): Direcção da evolução do andebol de alto nível na década de 70 (2^a parte). Setemetros.

Moreira, J. (2001). Configuração do processo ofensivo no andebol. Estudo da

superioridade numérica, na relação cooperação/oposição relativa – zona da bola, em equipas portuguesas de níveis competitivos distintos

Mortágua, L. (1991): Modelo de jogo ofensivo em Andebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas seniores masculinas de alto rendimento portuguesas. Dissertação de Mestrado. (Não publicado). FCDEF-UP.

Muller, M., et al. (1996): Balonmano, Entrenarse Jugando. Editorial Paidotribo, (eds). Barcelona.

Oliveira, F. (1995): Ensinar o Andebol. Campo das Letras Editores, (eds.). Porto.

Oliveira, J. (1993): A análise do jogo em basquetebol. In: A ciência do desporto e a cultura do homem (Jorge Bento, António Marques, Eds.). FCDEF.

Oliveira, J. (1995): Ensinar o Andebol; Editores Campos das Letras do Porto.

Prudente, J. (2000): A concretização do Ataque no Andebol Português de Alto Nível em Superioridade Numérica de 6x5. Dissertação de Mestrado. (Não Publicado). Universidade da Madeira.

Prudente, J. (2004): Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Vol.4. n.º 3 (49-65).

Reis, E. Et al. (1997): Estatística Aplicada. Vol. 2. Edições Sílabo, (eds.). Lisboa.

Ribeiro, B. (1996): Modelo de jogo das selecções nacionais femininas. Documento da Federação Portuguesa de Andebol.

- Ribeiro, B. (2002): A importância dos meios táticos de grupo ofensivos na obtenção do golo em andebol. Um estudo com recurso à análise sequencial
- Roman, J.de D. (1990): "Análisis de VII Campeonato del Mundo Junior". Ed. Xunta de Galicia
- Roman, J.(1994): Future defense tendencies. European Handeball.
- Sánchez, F. (1991): Análises del Contenido del Juego. In: Balonmano. Cuesta, J. G., (eds.). Federation Española de Balonmano e Comité Español. Madrid.
- Sánchez, F. & al. (1991) Balonmano. RFEB & COE. Madrid.
- Sánchez, F. (1992): Analisis del contenido del juego. In: Balonmano. Comité Olímpico Español e Federation Española de Ballonmano.
- Sarmiento, J.P. (1991). Análise das acções ofensivas. Revista Horizonte, vol. VII, 45, 88-91.
- Sarmiento, J.; Magalhães, L. (1991). Recuperação defensiva: Estratégia organizativa. Horizonte, Vol. VII, 38, 45-46
- Seco, J. (1990): L`évolution de la contre-attaque. IN : EURO-HAND, 2/3 : 34-48. França.
- Seco, J. (1996): Apontamentos da Comunicação apresentada no Seminário de Treinadores de Elite da EHF. Paris.
- Seco, J. (1997): Los XI Campeonatos del Mundo Júnior Turquía, 1997. Documento da Comunicação apresentada no Seminário de Treinadores em Córdoba. Espanha.

Silva, A. (1993): Caracterização do jogo ofensivo em andebol. Tese de Doutoramento. (Não Publicado). FCDEF-UP.

Silva, J. (1999): O Sucesso no Andebol. Correlação dos indicadores de Rendimento com a classificação Final. Andebol Top, 1: 3-9. Lisboa.

Silva, J. (2000): A Importância dos Indicadores do Jogo na Discriminação da Vitória e da Derrota em Andebol. Dissertação apresentada às provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica. (Não Publicado). FCDEF-UP.

Silva, A. (2002): Relação entre os indicadores de rendimento e a classificação final das equipas de andebol – Um estudo no Campeonato do Mundo de Seniores Femininos. Monografia de licenciatura, FCDEF-UP.

Späte, D. (1989): La contre-attaque comme motene offensive principal. Euro-Hand.

Späte, D. (1992): Caracteristiques du jeu de handeball dès annés 90. Euro-Hand.

Späte, D. (1994): O treino do guarda-redes. Andebol Revista, n.º 3, 13-14

Taborsky, F. (1995): The 1995 Womens`s Handeball ande development tendencies. Handeball – EHF Periodical fou Coaches, Refrees and Lectures.

Taborsky, F. (1997): “3 Womens`s Touth European Championship”: Handball Periodical for Coaches, Refrees and Lectures.

Tavares, R. (2003): Caracterização do contra-ataque em equipas de andebol feminino: um estudo realizado com equipas participantes no Campeonato da Europa 2002. Dissertação Licenciatura. (Não Publicado). FCDEF-UP.

Teodorescu, L (1984): Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos. Livros Horizonte. Lisboa.

Teodorescu, L (1988): Contributions au concept de jeu sportif collectif. Euro-Hand.

Trosse, H.D. (1993) Balonmano. Entrenamiento, técnica y táctica. Ediciones Martinez Roca. Barcelona.

Vateva, T. (2002): Caracterização do contra-ataque da selecção nacional de andebol feminino. Dissertação Licenciatura. (Não Publicado). FCDEF-UP.

Vilaça, P. (2001): Estudo do processo ofensivo em desigualdade numérica em equipas de andebol seniores masculinas portuguesas de alto rendimento. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto, área de especialização de Treino de Alto Rendimento Desportivo. FCDEF-UP. Porto.

Anexos

Equipa 1: Ficha de Observação dos Jogos Equipa 2:

Jogo Grande Espaço					Perda de Bola			
N.º Ataques	Tempo de Jogo	Parcial	Vaga	Contra-golo	Normal (Golo)	Justificada (Falta, defesa do Guarda-Redes)	Não Justificada (falhas técnicas)	Zona de Finalização
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								